



**ANABELA
LOUREIRO PINTO**

**TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO CULTURAL DE
ESCALAS**

Projeto apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Tradução Especializada, realizada sob a orientação científica da Doutora Maria Teresa Costa Gomes Roberto Professor Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

o júri

Presidente

Professora Doutora Maria Teresa Murcho Alegre

Professora Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro

Professora Doutora Maria Teresa Costa Gomes Roberto

Professora Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro
(orientadora)

Professor Rui Jorge Dias Costa

Professor Adjunto da Escola Superior de Saúde da Universidade de Aveiro

agradecimentos

Este não é o projeto dos meus sonhos. Contudo, é o resultado de um trabalho, só possível graças a Deus, à contribuição de muita gente, à persistência, muito trabalho e algum sacrifício. Cada uma dessas pessoas constitui as vírgulas, os pontos, as frases, as palavras, que compõem o presente trabalho, pelo que agradeço:

A Deus, que me deu força, paciência e coragem, colocando no meu caminho aqueles que por terem acreditado em mim, me ajudaram, direta ou indiretamente, na realização deste trabalho.

Ao meu marido, pelo apoio, disponibilidade, cumplicidade, carinho, amor, paciência e incentivo para chegar até aqui.

Aos meus filhos que, apesar de nem sempre presentes, quando necessário tiveram as palavras e carinho certos.

Aos meus pais, pelo que sou, pelo amor incondicional, por me ensinarem a não desistir, e, em especial à minha mãe, meu farol e maior amiga, pelo incentivo e apoio para chegar até aqui.

Ao meu irmão pelo amor, carinho, apoio e contribuição para a minha qualidade de vida.

Aos verdadeiros amigos, que por saberem quem são, os seus nomes não figuram aqui, pelo incentivo.

À Dr^a Maria Teresa Roberto, minha orientadora, por ter acreditado em mim, pela atenção, apoio, dedicação, conhecimentos transmitidos, ajuda na condução deste projeto e sugestões preciosas.

A Dr^a Teresa Alegre pelo apoio e disponibilidade

À Dr^a Gracinda, pelo apoio, carinho e amizade nesta minha caminhada.

O que me pode dar esperança:

Deus que me deu a vida duas vezes, meu refúgio e fortaleza, à sua misericórdia;

O meu companheiro e esposo que me acompanha e com quem partilho a vida;

O Afonso pela lição de vida que sempre me deu e que vive para sempre no meu coração.

palavras-chave

Adaptação intercultural, Escalas, Intercultural, Metodologia da tradução de escalas, Tradução, Retroversão.

resumo

O presente relatório de estágio enquadra-se na disciplina de Estágio Curricular pertencente ao último ano do Mestrado em Tradução Especializada e descreve as atividades desenvolvidas durante o mesmo, que decorreu na Universidade de Aveiro, no gabinete Traductek e teve a duração de cinco meses. No âmbito do estágio foi desenvolvido o projeto que aborda a tradução e adaptação cultural de escalas enquadrado nas tarefas desenvolvidas. A tradução e validação de uma escala concebida e validada noutra língua implica um sistema rigoroso e faseado de tradução e adaptação intercultural, pelo que o objetivo do trabalho foi realizar a análise da tradução e adaptação intercultural da escala POSHA-S desenvolvida noutro contexto linguístico e sócio-cultural. Este trabalho foca a avaliação da equivalência intercultural desta escala concebida em inglês e usada para identificar as atitudes sociais face à gaguez numa versão em português a ser proposta para uso em Portugal. O estudo obedece a uma metodologia específica e segue os procedimentos internacionais.

keywords

Cross-cultural adaptation, Questionnaires, Cross-cultural, Methodology of translation of questionnaires, Translation, Back-translation.

abstract

This report is part of the Curricular Training belonging to the last year of the Master in Specialised Translation, held at the University of Aveiro in the Traductek office. It describes the activities undertaken during the training that lasted five months. Within this training, it was developed a project that addresses the translation and cross-cultural adaptation of questionnaires, presented hereby, framed in the tasks developed. The translation and validation of a questionnaire designed and validated in another language implies a strict and phased system of translation and cross-cultural adaptation, therefore, the aim of this study is to analyze the translation and cross-cultural adaptation of the POSHA-S questionnaire developed in another linguistic, social and cultural context. This dissertation focuses on the evaluation of cross-cultural equivalence of this questionnaire designed in English and used to identify social attitudes towards stuttering in a Portuguese version being proposed for use in Portugal. The study proposes a specific methodology and follows international guidelines.

Lista de Abreviaturas

Cultura de Partida – CP

Cultura de Chegada – CC

Língua de Partida - LP

Língua de Chegada - LC

Texto de Partida - TP

Texto de Chegada - TC

ÍNDICE GERAL

Introdução	1
Estágio	2
1. Organização e Gestão	3
2. Atividades Desenvolvidas no âmbito do Tradutek	3
2.1. Organização de ficheiros	4
2.2. Organização do projeto Guia Turístico da Bairrada	4
1.3. MemoQ	5
Trabalho de projeto	6
I. Introdução	7
Objetivos: geral e específicos	8
Metodologia	9
II. Enquadramento: base teórica: tradução e tradução de escalas	11
1. Corpus	11
III. Técnicas de Adaptação cultural	14
IV. Instrumentos de recolha de dados	15
1. Tipo de escalas	16
1.1. Escala Thurstone	16
1.2. Escala Guttman	17
1.3. Escala Likert	17
2. Níveis de medida	18
2.1. Nominal	18
2.2. Ordinal	19
2.3. Intervalar	19
V. Equivalência Linguística	20
1. Orientações tradutológicas	22
VI. Tradução e Cultura	23
1. Processo de Tradução e Adaptação Cultural	28
Etapa 1 Tradução inicial	29
Etapa 2 Síntese das duas traduções	30
Etapa 3 Retroversão	30
Etapa 4 Revisão	30
2. Tipos de Equivalências	31
3. Adaptação cultural: objetivo	33
3.1. Vantagens da adaptação de um instrumento	33
3.1.2. Desvantagens da adaptação de um instrumento	34
4. Equivalência semântica da adaptação cultural da escala POSHA-S	35
5. Comparação da tradução e adaptação cultural com a versão original	36
6. Análise comparativa	37
VII. Notas conclusivas	40
Bibliografia	42

LISTA DE ANEXOS

Escala POSHA-S original (inglês)	46
Escala POSHA-S versão portuguesa	51
Attention Deficit Hyperactivity Disorder	56
Transtorno de Hiperatividade e Déficit de Atenção	57
Disabilities of the Arm, Shoulder and Hand	58
Deficiência do Braço, Ombro e Mão	62
Pain Assessment in Advanced Dementia (PAINAD)	66
Avaliação da dor na demência avançada	67

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Par de textos alinhados lexicalmente	5
Figura 2: Exemplo de questão de conteúdo da escala <i>Thurstone para medir atitudes face à gaguez no POSHA-S</i>	16
Figura 3: Exemplo de questão de conteúdo da escala Guttman para manifestar concordância ou não face à gaguez no POSHA-S	17
Figura 4: Exemplo de questão de conteúdo da escala Likert para manifestar o grau de concordância no POSHA-S	18
Figura 5: Exemplo de escala nominal no POSHA-S	19
Figura 6: Exemplo de escala ordinal no POSHA-S	19
Figura 7: Tabela de equivalência semântica da escala POSHA-S	35
Figura 8: Tabela comparativa da tradução e adaptação cultural da escala POSHA-S	36

“(...) texts are complex cultural and anthropological units which reflect and communicate a system of ideological values by means of a discourse. (Temmermen, 2000)

Introdução

O presente relatório foi elaborado no âmbito do Estágio, pertencente ao segundo ano do Mestrado em Tradução Especializada, lecionado na Universidade de Aveiro no Departamento de Línguas e Culturas.

O estágio decorreu no período compreendido entre 22 de Fevereiro e 22 de Julho de 2013 no gabinete TRADUTEK - especializado em serviços linguísticos localizado na Universidade de Aveiro. Este gabinete tem como principal missão proceder à tradução, comunicação técnica e revisão de diversos tipos de texto apresentados por parte da comunidade interna e externa à Universidade.

A escolha deste local para realizar o estágio não foi fácil uma vez que ao chegar ao último ano da Licenciatura em Tradução surgem as dúvidas quanto à vertente a seguir na área da Tradução. No entanto, depois de muito refletir, pensei que o Tradutek poderia ser o local ideal, uma vez que as atividades aí desenvolvidas iam inteiramente ao encontro das minhas expectativas. De facto, pensar que me poderia envolver no trabalho de um gabinete de tradução era aliciante para uma recém-licenciada em Tradução e para uma mestranda em Tradução Especializada. A ideia animou-me e resolvi então apresentar a sugestão à coordenadora do gabinete de tradução - Dr^a Maria Teresa Roberto - que viria a ser a minha orientadora de estágio.

Este estágio representa a componente prática realizada em contexto de trabalho e este relatório tem como objetivo descrever as ações desenvolvidas na área da tradução ao serviço da Traductek, bem como apresentar o trabalho de projeto desenvolvido no âmbito da tradução e adaptação cultural de escalas.

Com as recentes alterações no Ensino Superior advindas do Processo de Bolonha, especificamente a redução da Licenciatura para três anos, eis que surgem diversos receios que se prendem principalmente com o mercado de trabalho e com a preparação do estudante para o mesmo.

Segundo esta óptica, e enquanto estudante universitária, assumo que um estágio é, efetivamente necessário, tanto para o contato com o mercado de trabalho, como para a aquisição e desenvolvimento de competências profissionais que dificilmente seriam adquiridas somente na Universidade. Quero com isto dizer, que a opção que fiz, foi suportada essencialmente por motivos pessoais, uma vez que o meu anseio se centrava essencialmente com a aprendizagem em contexto de trabalho, considerando que o estágio me poderia abrir novos caminhos e horizontes nesta etapa de vida tão própria. Quis basicamente, crescer a nível profissional e pessoal.

Neste âmbito, o objectivo secundário centrou-se na identificação de uma situação/problema que, posteriormente, pudesse ser desenvolvida através de um Projeto devidamente proposto e estruturado, que é apresentado na parte final deste relatório. De facto, foi-me sugerida a temática da Tradução e Adaptação cultural de Escalas nomeadamente da POSHA-S, que abracei desde logo

dado o meu interesse pela área de investigação na saúde, sobretudo após um período menos feliz da minha vida. Deparei-me com as mais diversas problemáticas vivenciadas por pessoas em idênticas circunstâncias (pós AVC) e senti na pele o impacto devastador relativamente ao desempenho diário de uma pessoa nesta situação. Este quadro, suscitou em mim grande interesse pela área por motivos óbvios, surgindo a necessidade de estar atualizada sobre os mais recentes avanços da ciência na área neurológica tendo num passado recente participado em ações que visavam a recolha de dados para investigação em saúde, onde fiz uso de escalas.

Por outro lado, é preciso esclarecer que iniciei o Mestrado em 2011 na vertente das Ciências para a Saúde que no ano seguinte foi substituída pelas Ciências Jurídicas, ou seja, passei pela transição de uma vertente para outra, o que não foi de maneira nenhuma um problema, mas antes uma oportunidade, uma mais valia, devido à possibilidade de receber formação em duas áreas tão importantes quanto essenciais, o que me enriqueceu a nível profissional. Atualmente, o tradutor como comunicador que é, ou melhor, mediador de informação, deve ter uma boa competência linguística além do conhecimento das culturas das línguas de trabalho. Além disso, deve dominar as ferramentas tecnológicas ao serviço da tradução. Por outro lado, é importante conhecer muito bem a área em que atua. Isto significa, no meu caso concreto, ter um amplo domínio do conhecimento científico, técnico e humanista das Ciências Jurídicas, mas também possuir os conhecimentos teóricos, metodológicos e técnicos em Ciências para a Vida. Atreverei-me a referir que o fato de ter tido formação no âmbito das duas vertentes no Mestrado em Tradução Especializada, ampliou a minha formação, permitindo a integração das duas áreas na minha formação académica.

Este relatório começa por fazer uma breve reflexão sobre o estágio e a sua importância. Seguidamente, aborda a questão da organização e gestão, competências que devem também enformar o perfil do tradutor(a) e, são descritas as atividades desenvolvidas durante o período do estágio. Finalmente, é apresentado o estudo desenvolvido no âmbito da tradução e adaptação cultural de escalas.

Estágio

É indiscutível a importância que os estágios têm na formação dos estudantes, por lhes permitirem aplicar na prática os conhecimentos teóricos adquiridos durante a sua formação académica, por lhes facultarem o contacto com diferentes realidades em contexto de trabalho, permitindo-lhes também desenvolver uma maior capacidade de adaptação às diferentes características das entidades que os recebem, o que de facto os prepara para a inserção no mercado de trabalho. O estágio é, do meu ponto de vista, um processo de aprendizagem essencial a qualquer recém-licenciado, visto que o prepara para enfrentar os desafios de uma carreira. No âmbito da tradução especializada, penso que o estágio é, de facto, imprescindível, uma vez que se trata efetivamente de tradução técnica, o que confere aos textos a trabalhar características muito próprias, as quais têm de ser tidas em conta na

hora de traduzir. Para isso, o tradutor técnico deve ter em conta as especificações que irão condicionar a criação desse novo texto. No trabalho de projeto fui confrontada com uma tipologia textual muito específica – as escalas. A tradução deste tipo de texto técnico, além de visar a recriação da informação num texto novo de acordo com as características específicas do público-alvo da LC, teve também em conta a adaptação cultural, visto que o público-alvo em causa, além de ser falante de uma língua diferente, tinha também uma cultura diferente, pelo que, o processo de tradução é, além disso, um processo claro de adaptação cultural, duas metodologias complexas. Não basta realizar um trabalho de tradução, mas esta deve ser adaptada culturalmente para que mantenha a sua validade de conteúdo nessa nova língua e nova população. Ou seja, o processo deve ser uma combinação entre a tradução literal de palavras e frases de um idioma para o outro e uma adaptação que contemple o contexto cultural e estilo de vida do público alvo a ser estudado (Guillemin et al., 1993; Herdman et al., 1997, 1998).

1. Organização e gestão

Atualmente vive-se em sociedades onde a troca de informação acontece em grande quantidade e a uma velocidade estonteante fazendo com que os tradutores sintam cada vez mais a necessidade de ter o seu trabalho organizado e planificado para o que muito contribuem as novas tecnologias de informação e comunicação. Não se pode dissociar a sociedade da informação dos meios de comunicação, em particular dos mais recentes. São eles que têm reduzido a distância entre os povos, fazendo nascer a conceção de que vivemos numa Aldeia Global (Castells, 2001).

A organização e gestão são aptidões inerentes a qualquer profissional. No que toca ao tradutor(a), a capacidade de organização e gestão adequadas, em primeiro lugar do tempo e depois, da informação é essencial para facilitar o desempenho, permitindo-lhe gerir todas as tarefas inerentes à função que desempenha. O aumento da intensidade da concorrência e a complexidade do meio ambiente fazem sentir, no mundo empresarial, a necessidade de obter melhores recursos do que os concorrentes de forma a otimizar a sua utilização. Nesta perspetiva, a informação assume, hoje, uma importância crescente, tornando-se uma necessidade premente para qualquer setor da actividade, pelo que é indispensável ordená-la e sistematizá-la para que a sua procura seja rápida, contribuindo para acelerar o seu processamento ou a tomada de decisão, para o que muito contribuem as tecnologias de apoio à tradução.

2. Actividades Desenvolvidas

Tendo em conta que o arquivo serve de instrumento principal de controlo da ação administrativa contendo documentos resultantes de uma determinada atividade, estes devem ser conservados porque refletem essas atividades, ou seja, fazem parte do conjunto dos seus produtos, mas também devido aos imperativos legais, ou seja, ao seu valor probatório. No entanto, de nada serve guardá-los se não se obedecer a critérios de organização, o que permitirá encontrá-los rapidamente quando deles se necessita.

2.1. Organização de ficheiros

Uma das minhas primeiras tarefas foi precisamente a organização de ficheiros da Traductek. Assim, numa primeira fase foi necessário fazer o levantamento dos dados, procurando conhecer o género de documentos existentes nas várias pastas. Após este trabalho, foi possível uma análise com vista à formação de um diagnóstico. Foram constatadas falhas e delineadas medidas a adotar, nomeadamente a organização com base no critério de classificação por assunto ou temático, colocando na mesma pasta os documentos relativos ao mesmo assunto como CVs., e-mails, regulamentos, tradução, revisão, etc.

2.2. Organização de ficheiros do projeto Guia Turístico da Bairrada

Os documentos encontravam-se organizados por assunto e estavam zipados. Deste modo, a única pista fornecida era a identificação. O projeto em causa era constituído pelos concelhos constituintes da Rota da Bairrada, logo, o termo “concelhos” deveria identificar umas das pastas. Surgiram, por exemplo, duas pastas intituladas: Conselhos básicos e Conselhos. Perante esta situação, pensei tratar-se do mesmo tipo de texto, mas uma vez que não consegui visualizar os concelhos, resolvi abrir os documentos constantes das pastas anteriores e, de facto, a identificação “conselhos” referia-se efetivamente a “concelhos”. Esta situação levou-me a desperdiçar algum tempo, devido ao lapso da troca de uma letra. Trata-se de dois termos diferentes com significado diferente e que devem ser usadas em

situações diferentes. Quando isto não acontece induz o leitor em erro, conforme aconteceu. Para terminar este trabalho foi necessário proceder à abertura e leitura dos títulos de alguns documentos, de forma a certificar-me que estavam nas pastas corretas, o que em alguns casos não aconteceu.

2.2.1. Revisão

A revisão técnica de textos é um trabalho extremamente importante, pois, a simples tradução de uma língua estrangeira para a língua portuguesa pode acarretar alguns desalinhamentos. O alinhamento foi divulgado teoricamente pelos professores, mas pouco usado na prática, o que tanto que pude constatar, levou a algum grau de desconhecimento por parte de colegas que não tinham uma ideia precisa do que se trata, algo que tive oportunidade de explicar, precisamente porque foi uma das tarefas que levei a cabo durante o estágio. Assim, o alinhamento não é mais do que a apresentação dos textos (TP e TC) no écran ao mesmo tempo, em que o TP se apresenta à direita e o TC à esquerda, conforme o exemplo abaixo:

(em português)	(em inglês)
Este ¹ trabalho ² apresenta ³ requisitos ⁴ funcionais ⁵ identificados ⁶ no ⁷ processo ⁸ de ⁹ Engenharia ⁹ Reversa ¹⁰ de Software ¹¹ que ¹² possam ¹³ ser ¹⁴ suportados ¹⁵ por ¹⁶ um ¹⁷ Sistema ¹⁸ Hipertexto ¹⁹ .	This ¹ paper ² discusses ³ the functional ⁵ requirements ⁴ identified ⁶ in ⁷ the ⁷ software ¹¹ reverse ¹⁰ engineering ⁹ process ⁸ which ¹² can ¹³ be ¹⁴ supported ¹⁵ by ¹⁶ a ¹⁷ hypertext ¹⁹ system ¹⁸ .
Por ¹ meio ² da ³ modelagem ⁴ conceitual ⁵ e ⁶ navegacional ⁷ do ⁷ domínio ⁷ de ⁸ informações ⁹ relativas ¹⁰ ao ¹¹ método ¹² de ¹³ engenharia ¹³ reversa ¹⁴ Fusion-RE/I ¹⁵ , foram ¹⁶ estabelecidos ¹⁶ os ¹⁷ requisitos ¹⁸ funcionais ¹⁹ de ²⁰ um ²¹ aplicativo ²² hipermídia ²³ de ²⁴ suporte ²⁵ ao ²⁶ método ²⁷ , de ²⁸ forma ²⁸ a ²⁸ nortear ²⁹ o ³⁰ engenheiro ³¹ de ³² software ³² responsável ³³ pelo ³⁴ processo ³⁵ de ³⁶ engenharia ³⁶ reversa ³⁷ e ³⁸ possibilitar ³⁹ o ⁴⁰ acompanhamento ⁴⁰ da ⁴¹ evolução ⁴² desse ⁴³ processo ⁴⁴ .	By ¹ means ² of ³ a ³ conceptual ⁵ and ⁶ navigational ⁷ modeling ⁴ of ⁸ information ⁹ related ¹⁰ to ¹¹ the ¹¹ reverse ¹⁴ engineering ¹³ method ¹² Fusion-RE/I ¹⁵ , we ¹⁶ established ¹⁶ the ¹⁷ functional ¹⁹ requirements ¹⁸ of ²⁰ a ²¹ hypermedia ²³ application ²² to ²⁴ support ²⁵ the ²⁶ method ²⁷ . Our ²⁸ purpose ²⁸ is ²⁸ to ²⁹ offer ²⁹ guidelines ²⁹ to ²⁹ the ³⁰ software ³² engineer ³¹ in ³³ charge ³³ of ³⁴ the ³⁴ reverse ³⁷ engineering ³⁶ process ³⁵ and ³⁸ to ³⁹ make ³⁹ possible ³⁹ to ⁴⁰ follow ⁴⁰ the ⁴¹ evolution ⁴² of ⁴³ this ⁴³ process ⁴⁴ .

Fig 1: – Par de textos paralelos alinhados lexicalmente

2.3. MemoQ

O alinhamento foi feito com recurso ao MemoQ. Durante o processo foram corrigidos erros ortográficos; concordâncias verbais de acordo com o sujeito; ausência de partículas de ligação “e”, “de”, etc; ausência de pronomes; transcrição de números; palavras não terminadas nomeadamente terminações verbais e identificação de concelhos; troca de letra maiúscula por minúscula.

Aproveitou-se a oportunidade para uniformizar a linguagem utilizada e corrigir possíveis desvios. Assim, foi corrigida a escrita dos números de contato (telefone e telemóvel) de acordo com a NP9 (Norma Portuguesa 9) de 2006, do Instituto Português da Qualidade. Em Portugal, a NP9 determina a forma como se devem escrever os números. Deste modo, devem separar-se os algarismos com um espaço em branco em classes de 3 a partir das unidades, da direita para a esquerda para os números inteiros. Exceptuam-se os casos em que a parte inteira (ou a parte decimal) é constituída por apenas quatro algarismos, situação em que não se usa espaço. É por essa razão que o ano atual se escreve assim: 2014.

O objetivo da utilização da NP9 é facilitar a representação e a leitura dos números e simultaneamente afastar a possibilidade de erros de interpretação. A supressão de qualquer sinal gráfico destinado a dividir um número, para facilidade de leitura, em grupos de três algarismos, evita a confusão atualmente possível, quando se utilizam simultaneamente, na escrita de um mesmo número, o ponto e a vírgula.

3. Trabalho do projeto

1. Leitura e análise da escala POSHA-S e outras escalas como por exemplo a Finnegan
2. Leitura e análise de bibliografia de apoio ao desenvolvimento do projeto

A pesquisa bibliográfica começou por se basear na documentação base que me foi fornecida sobre a temática do projeto. A partir daqui segui a bibliografia indicada. Posteriormente adotei uma metodologia mais exploratória, mas durante a elaboração do projeto foram surgindo sugestões de leitura.

3. Início da elaboração do projeto

I. INTRODUÇÃO

Desde a década de 80, tem vindo a aumentar o interesse pela medição da qualidade de vida relacionada com a saúde. Tem sido utilizada uma grande variedade de instrumentos e métodos nesta medição, dependendo a sua escolha dos interesses dos investigadores, dos recursos disponíveis e, ainda, dos objetivos dos estudos.

Com este projeto pretende-se realizar um estudo académico sobre tradução e adaptação cultural de escalas e assim contribuir para a análise dos procedimentos utilizados neste âmbito, tendo em conta, os estudos existentes nesta área.

Foi-me sugerida esta temática que abracei desde logo dado o meu interesse pela área de investigação na saúde, sobretudo após um período menos feliz da minha vida. Deparei-me com a necessidade de estar atualizada sobre os mais recentes avanços da ciência na área neurológica tendo num passado recente participado em ações que visavam a recolha de dados para investigação em saúde, onde fiz uso de escalas.

As escalas são cada vez mais utilizadas na área de saúde para fornecer informação sobre a evolução do paciente, mas também para a tomada de decisão quanto ao tratamento mais indicado numa determinada situação. As escalas, como instrumentos de avaliação, podem ser constituídas por uma única pergunta ou podem adquirir a forma de questionários sofisticados, onde as questões são agrupadas em domínios ou dimensões, de acordo com o seu significado na situação ou doença a avaliar.

Com poucas exceções, estes instrumentos de avaliação têm sido desenvolvidos em países de língua inglesa ou japonesa essencialmente. Neste último caso, o instrumento é primeiramente traduzido para o inglês antes da sua tradução e adaptação cultural para o idioma do país onde se pretende conduzir a pesquisa, uma vez que, são direcionados para serem utilizados na avaliação de pessoas que falam esse idioma. Torna-se evidente a dificuldade relativa ao uso destes instrumentos noutros países. Surge, então, a necessidade de se desenvolverem medidas delineadas especificamente para a sua utilização, em países cujo idioma não seja o original, uma vez que o desenvolvimento de um instrumento novo exige uma enorme quantidade de tempo e empenho, tanto a nível de recursos humanos como a nível financeiro (Ciconelli, 1997).

A utilização de escalas, e outros instrumentos de medida, validados e reconhecidos cientificamente, têm aumentado nas várias áreas do conhecimento humano. No entanto, existem instrumentos deste tipo que, sendo criados noutros países que não Portugal, para serem usados neste último, necessitam de ser traduzidos e adaptados culturalmente porque para utilizar uma escala criada num país de língua e cultura diferentes do qual pretendemos conduzir uma pesquisa, não basta apenas traduzir a escala, é necessário pensar que sendo a cultura diferente há necessidade de traduzir por

palavras as práticas, valores e realidades da nova cultura – ou seja, de proceder a uma tradução cultural, já que sendo a mentalidade diferente, os indivíduos expressam-se de forma distinta, tendo também maneiras distintas de reagir perante estímulos.

Esta situação desencadeia a necessidade de adaptar os instrumentos de medida para serem usados em países e idiomas diferentes dos de origem. Mesmo entre países que falam a mesma língua, características individuais e culturalmente distintas fazem com que um instrumento de avaliação necessite de adaptações para o tornar adequado ao contexto cultural da população-alvo. Pode-se a título de exemplo, referir o caso do Brasil e de Portugal cuja língua é o português, mas cujas culturas são substancialmente distintas. Daí que a adaptação cultural e linguística de instrumentos previamente desenvolvidos e validados, constitua uma alternativa facilitadora da condução e divulgação da avaliação em várias áreas científicas.

Este trabalho surge precisamente porque no nosso país a prática de tradução e adaptação cultural de escalas é grande e porque o desenvolvimento integral de um instrumento de medição é complexo, consome bastantes recursos e requer a mobilização de capacidades e de conhecimentos de índoles diversas. Isto implica um grande investimento de tempo e dinheiro, mas sem garantias de que o instrumento vá funcionar. A tradução e adaptação cultural é quase tão trabalhosa quanto a criação de uma nova escala. Contudo, trabalhos como elaborar e rejeitar ou substituir questões que não funcionaram tendem a ser menores porque o instrumento em causa já se encontra validado num outro país, pelo que o esforço tende sempre a ser menor.

Este trabalho de investigação desenvolveu-se ao longo de nove meses, tendo compreendido uma fase de pesquisa e leitura das principais entradas bibliográficas das áreas trabalhadas e uma fase de trabalho de campo que tomou a forma de um estudo de caso.

Baseou-se na escala POSHA-S constituída por 18 itens relativos a ações do inquirido. Nove são escalas, das quais, quatro abordam a opinião dos inquiridos, duas solicitam informação aos mesmos e três apresentam afirmações, solicitando a concordância ou discordância do informante perante as mesmas. A Posha-S foi desenvolvida ao longo de mais de uma década e os resultados dos estudos-piloto foram apresentados em reuniões científicas, após análises por comités de programa e também foram publicados por revistas científicas para publicações (por exemplo, St. Louis, Lübker, Yaruss & Aliveto, 2009; St. Louis, Reichel, Yaruss, e Lübker, 2009; St. Louis & Roberts, 2010).

Importa, antes de mais, definir os objectivos a que se presta o presente trabalho e abordar a prática metodológica.

Objetivo geral:

- ✓ Contribuir para a caracterização do processo de tradução e adaptação cultural de escalas exemplificando com a tradução/adaptação do inglês para o português;

Objetivos específicos:

- ✓ Enquadrar a tradução de escalas na teorização específica desta metodologia
- ✓ Discutir a metodologia proposta para adaptação cultural;
- ✓ Analisar a escala POSHA-S;
- ✓ Aferir até que ponto as metodologias utilizadas se concretizam nas traduções das escalas.

Metodologia

Este trabalho foi dividido em capítulos e secções. O primeiro capítulo introduz a temática, visando, deste modo, situar e identificar a finalidade do trabalho através da apresentação de um conjunto de informações existentes sobre a mesma. São depois enunciados os objectivos a atingir bem como a metodologia usada. No segundo capítulo é efetuado o enquadramento teórico e uma revisão da literatura sobre a tradução e tradução de escalas. Na secção seguinte é apresentado e descrito o corpus.

No capítulo III é feita uma abordagem à contribuição da tradução para a comunicação cultural. Seguidamente, são referidos os instrumentos de recolha de dados usados na Psicologia Social, é feita referência às escalas de atitudes apresentadas, sendo caracterizados as mais populares, que são as utilizadas no estudo em causa. São também apresentados e caracterizados, na secção seguinte, os níveis de medidas mais familiares na área em apreço (Psicologia Social). No capítulo V, é feito um percurso teórico sobre a noção de língua inserida no âmbito da análise da linguagem. A partir daqui, aborda-se a importância da questão cultural para a tradução e adaptação cultural de escalas recorrendo-se à bibliografia apresentada. Aborda-se e apresenta-se o modelo de adaptação intercultural apontado por Guillemin et al, seguindo as várias etapas propostas. Uma vez que este modelo inclui diretrizes para a obtenção de vários tipos de equivalências, estas são devidamente explicadas na secção seguinte. São, em seguida, apresentadas as vantagens e desvantagens da adaptação intercultural de um instrumento de medida no âmbito da Psicologia Social. A equivalência semântica da adaptação intercultural da escala POSHA-S é apresentada numa tabela onde constam as versões da tradução e retroversão e a versão final de cada. É também exibida a tabela comparativa da tradução e adaptação intercultural que mostra as várias sugestões propostas para as traduções e respectivas retroversões.

Por meio da pesquisa bibliográfica, foi realizada uma revisão da literatura internacional desde 1993 referente à tradução e adaptação intercultural de escalas. Uma escala de medida é um suporte escrito que permite o registo das ocorrências de um estudo científico onde é expressa a qualidade ou a quantidade dos dados necessários à realização desse mesmo estudo e pode assumir varios tipos. Normalmente são inseridos num documento que adquire a forma de um questionário.

Assim, a tradução deste género documental apresenta uma regulamentação muito precisa, visando garantir a harmonização dos processos inerentes à mesma.

Alguns pesquisadores sugerem que a adaptação semântica de escalas, através da tradução e da retroversão, seja apenas um dos passos necessários ao processo de adaptação intercultural (Badia & Alonso, 1995; Herdman et al, 1997, 1998; Reichenheim & Moraes, 2002). Para Guillemin et al., (1993) a adaptação intercultural de um instrumento de medição apresenta dois componentes: a tradução e a sua adaptação intercultural. O processo deve ser uma combinação entre a tradução literal de palavras e frases de um idioma para o outro e um processo meticuloso de sintonização que contemple o contexto cultural e estilo de vida da população-alvo onde a versão traduzida será utilizada.

Foram analisados artigos científicos, textos e livros, cujos autores constam da lista bibliográfica, bem como escalas em inglês e as correspondentes traduções em português, sendo as mais pertinentes, em termos de conteúdo apresentadas em anexo. As que não tiveram uma ligação à POSHA encontram-se integradas neste trabalho, no anexo, e pretendem medir aspetos mais objetivos da natureza do ser humano como é o caso, por exemplo, da dor.

Existem procedimentos para a adaptação intercultural que seguem o proposto pela literatura internacional, com a utilização de fases padronizadas, de acordo com a metodologia proposta por Guillemin, (1993). Segundo esta metodologia, a adaptação intercultural de um instrumento envolve dois passos principais: avaliação das equivalências conceituais e linguísticas e avaliação das propriedades psicométricas. Estas equivalências são apresentadas pelo European Group on Health Outcomes (ERGHO) como sendo os critérios que, uma vez verificados, permitem considerar determinada medida com equivalência cultural (Ferreira & Marques, 1998). Assim, na pesquisa efetuada foram seguidas as diretrizes do ERGHO (Grupo Europeu para os Resultados em Saúde). Serão, portanto nesse trabalho, seguidas as “Recomendações para Adaptação Cultural de Medidas de Estados de Saúde” do ERGHO (Beaton et al, 2002). Este grupo foi constituído em 1991 por investigadores participantes de nove Universidades europeias incluindo a de Coimbra, com vista à partilha de ideias e experiências no campo da medição do estado de saúde, em alguns casos subsidiadas por entidades governamentais dos próprios países, pretendendo deste modo: (1) contribuir para o desenvolvimento de estratégias e instrumentos de modo a promover uma abordagem europeia de harmonização da medição do estado de saúde; (2) avaliar a utilidade das metodologias do estado de saúde apropriadas aos sistemas europeus de saúde.

II. ENQUADRAMENTO

A forma como as pessoas consideram a sua situação de saúde – a autoperceção - tem sido cada vez mais valorizada na investigação e na tomada de decisão a nível científico. A autoperceção baseia-se em critérios subjetivos e objetivos, sendo influenciada por fatores como o sexo, a idade, a classe social, refletindo uma percepção individual (Ferreira et al., 2006).

A autoperceção individual é imprescindível para a formulação de um diagnóstico, pelo que é muito importante que o paciente/inquirido consiga interpretar e contextualizar, aquilo que sente. O estado de saúde e a qualidade de vida relacionada com a saúde abrangem vários domínios que são importantes para a vida do sujeito, como a saúde física, o bem-estar psicológico, ou a satisfação social e pessoal (Mota et al., 2006).

Conforme destacado por Mattos et al a sistematização das traduções de instrumentos para línguas e culturas diferentes tem sido bastante debatida. O processo deve ser minucioso envolvendo não apenas a tradução por especialistas, mas também a análise da equivalência conceptual, semântica, a análise dos items e da consistência entre a versão original e a versão adaptada o que, no caso da escala POSHA-S, foi realizado por uma equipa multidisciplinar, permitindo a validação a vários níveis - metodológico, científico, linguístico, tradutológico - com vista ao alcance de um consenso por parte da mesma equipa. É de crucial importância a adoção de cuidados linguísticos, na medida em que determinados termos podem ter diferentes abrangências, especificidades e conotações, inerentes a cada idioma e cultura. Assim, a equivalência literal na tradução de um instrumento de medida pode ser insuficiente para a manutenção do seu objetivo quando usado numa nova cultura.

1. Corpus

A POSHA-S é uma escala multidimensional, originalmente de língua inglesa. Dos objetivos que direcionaram o seu desenvolvimento destaca-se: a construção de um instrumento capaz de diferenciar as atitudes das pessoas perante a gaguez.

A POSHA-S (*Public Opinion Survey of Human Attributes-Stuttering*) é a identificação original da Pesquisa de Opinião Pública sobre Atributos Humanos-Gaguez. É um instrumento de pesquisa concebido para medir as atitudes públicas perante a gaguez no contexto de uma variedade de atributos humanos. O instrumento foi submetido a uma extensa investigação sobre questões metodológicas para garantir que é válido (St. Louis & George, 2008; Flynn & St. Louis, 2009; St. Louis, Reichel, Yaruss, & Lubker, 2009); confiável (St. Louis, Lubker, Yaruss, & Aliveto 2009); consistente (Al-Khaledi et al., 2009) entre outras qualidades conferidas ao questionário. Foi já traduzido para outros idiomas e encontra-se, no período de realização deste trabalho, em processo de tradução para português europeu (de Portugal).

Trata-se de um questionário escrito constituído por 18 itens em que se interrogam pessoas acerca das suas crenças e reações perante determinados atributos humanos incluindo a gaguez, nomeadamente o conhecimento do entrevistado sobre a gaguez; o que este pensa sobre a causa da gaguez, como acha que se sente o(a) gago(a); como se comportaria se confrontado com uma pessoa que gagueja; o que acredita que pode ajudar o que gagueja; o quão preocupado se sentiria se algumas pessoas com quem habitualmente convive gaguejassem e o que acredita que os gagos podem/devem fazer nas suas vidas. Também compara as impressões do entrevistado em relação a outros atributos como ser inteligente, esquerdino, ter uma doença mental e ser obeso (a).

Na versão original, são ainda solicitadas informações demográficas, como a idade dos entrevistados, residência e naturalidade, sexo, estado civil, grau de escolaridade, situação perante o emprego, línguas que domina, rendimento, raça, religião, saúde física e mental, competência e capacidade de aprendizagem. Esta informação permite, depois de tratada, identificar grupos específicos, de modo a que os resultados sejam posteriormente generalizados para esses grupos.

O POSHA-S, constituído por 18 itens relativos a ações do inquirido, apresenta nove escalas, das quais, quatro abordam a opinião dos inquiridos, duas solicitam informação aos mesmos e três apresentam afirmações, solicitando a sua concordância ou discordância. Com o intuito de disponibilizar uma ferramenta para determinação das atitudes face à gaguez, este estudo baseou-se na tradução para a língua portuguesa do instrumento POSHA-S. A aplicação da escala foi realizada de forma anónima através do autopreenchimento.

As afirmações foram traduzidas do inglês para o português e adaptadas à cultura portuguesa segundo a metodologia proposta por Guillemin (1993). Esta metodologia é a mais utilizada internacionalmente para a tradução e adaptação intercultural de instrumentos de medida. Tem como principais características a realização de mais de uma tradução, a revisão por uma equipa multidisciplinar para verificar a equivalência semântica, a comparação com retroversões (*backtranslation*) para a língua original e a adaptação cultural à população-alvo. Desta forma, pretende-se tornar o instrumento mais fidedigno.

Face ao exposto, trata-se de um imprescindível instrumento que permite melhor identificar a problemática em estudo e os seus sintomas, funcionando como um importante elemento no diagnóstico e acompanhamento de determinados sintomas, perturbações ou atitudes referentes aos indivíduos. Esta avaliação deve sempre ser acompanhada e é realizada com o auxílio de escalas que são preenchidas pelos inquiridos, usando a linguagem escrita, com vista a definir estratégias de resolução e promoção da saúde e bem-estar.

"[...] the language of a community, however uniform its social contour, is an inexhaustibly multiple aggregate of speech-atoms of finally irreducible personal meanings" (Steiner, 2005: 70-1).

Existem muitas línguas diferentes e mutuamente incompreensíveis. Steiner (2005) afirma tratar-se da expressão clara do enigma da individualidade humana. No entanto, a comunicação pode ser unificada, o que revela uma das questões mais importantes da tradução e que está relacionada com eventuais incongruências que poderão existir e que o tradutor não poderá hesitar em retirar. Durante a pesquisa bibliográfica para a realização deste estudo, foram identificados alguns testes utilizados para avaliar variados fenómenos como a hiperatividade, onde são listadas atividades de vida diária; deficiência do braço, ombro e mão, onde são explorados os sintomas e capacidades físicas do paciente para o desempenho de atividades e ainda a avaliação da dor na escala de demência avançada, que reúne numa única tabela as questões de pontuação e avaliação, permitindo assim que se tenha uma visão pormenorizada do conjunto. Estas escalas apresentam-se em anexo porque pretendem medir aspetos mais objetivos da natureza do ser humano, caracterizando-se como um estudo descritivo e, utilizando o método psicométrico além de visar ou suscitar a projeção de estados interiores. Trata-se, pois, de questionários estruturados de forma a compreender fatores psicossociais (familiares, afetivos, percepção da queixa, história familiar, anterior e atual dos pacientes, vida social), além dos fatores relacionados com a doença.

Na tradução e adaptação de escalas, há a considerar em primeiro lugar as instruções que pretendem orientar e esclarecer os destinatários no que respeita aos procedimentos a ter. Ou seja, têm como objetivo informar os inquiridos sobre o objectivo a alcançar com a escala em causa, dar indicações sobre a forma de preenchimento e esclarecer possíveis dúvidas. Na escala em apreço, encontram-se na primeira página, que engloba também dados de caracterização breve dos sujeitos, informação considerada relevante sobre o inquirido (por exemplo, data de nascimento, residência e nacionalidade, género, nível de educação, situação face ao emprego, línguas que domina) e condições de avaliação. A base desta escala edifica-se na opinião pública dos inquiridos acerca de um conjunto de atributos e características humanas em vários locais do Mundo e que espelha as avaliações que os mesmos fazem acerca de pessoas com esses mesmos atributos e características, o que produz efeitos (positivos ou negativos) na formação das opiniões desses mesmos inquiridos. Antes de iniciar a aplicação da escala, os avaliadores deverão dominar o processo de avaliação e todas as condições que lhe são inerentes (factores a explorar, pressupostos, compreensão dos procedimentos de administração, pontuação e interpretação) devendo também estar familiarizados com os conteúdos da escala, itens, cotação e interpretação. A aplicação da escala é feita sob a forma de entrevista ao inquirido que responde às questões, revelando desta forma o seu conhecimento ou opinião. Na etapa relativa à interpretação e análise dos resultados, estes correspondem à pontuação das respostas de cada item surgindo da soma dos pontos atribuídos a cada item que irão posteriormente revelar os dados necessários à formação de conclusões.

III. TÉCNICAS DE ADAPTAÇÃO CULTURAL

A tradução, como ato de comunicação, ocorre entre indivíduos e grupos de indivíduos. Tem lugar entre culturas, ideologias e visões do mundo diversas. Contribui para a comunicação cultural entre interlocutores de línguas diferentes e, não visa, simplesmente, a reprodução de informações do TP. É importante que a tradução (TC) aspire produzir nos leitores o mesmo efeito que o texto original (TP) conseguiu produzir nos seus leitores. conforme refere Mona Baker:

“[...] This strategy involves replacing a culture-specific item or expression with a target-language item which [...] is likely to have a similar impact on the target reader.”

(Baker, 1992: 17)

O POSHA-S é um texto nitidamente funcional que apresenta características diferentes do texto de fruição. Este tipo de texto caracteriza-se pelo seu caráter de gratuidade, não funcional, que implica afetos, imaginação, sentidos e também intelecto, e é, nesse sentido, um fenómeno que envolve, principalmente, a área do sensível, sem, contudo, negligenciar aspectos inteligíveis, implicando a questão cultural. Ora, no texto dito funcional, os termos presentes no documento em consideração apresentam, na sua essência, também aspetos culturalmente marcados, podendo apresentar sentido ou uso diferente e levar a uma interpretação equivocada em países que falam a mesma língua. Neste caso, está-se perante variações linguísticas. As variações ocorrem em virtude das diferentes culturas, costumes e mesmo influências religiosas nos diversos continentes como no caso do africano (Angola, Moçambique), sul-americano (Brasil), asiático (Timor), no caso do idioma português. Ou, no caso do inglês, o Reino Unido ou a Austrália, por exemplo, em virtude das diferenças socioculturais existentes. Assim, o tradutor deve procurar em ambas as línguas os termos suficientemente semelhantes e explícitos na sua “equivalência funcional”, a fim de garantir a compreensão e a comunicação e, principalmente, a confiabilidade.

Para a realização de uma adaptação intercultural, deve-se optar por uma linha de trabalho, já que há divergências entre os autores e não há um consenso total sobre as estratégias, nomenclaturas e testes a serem realizados. As divergências dizem respeito especificamente a (1) que características de uma medida são avaliadas no âmbito de validade de conteúdo; (2) como é estabelecida a validade do conteúdo; e (3) que informação é adquirida a partir do estudo deste tipo de validade, uma vez que há especialistas que associam a validade de conteúdo com (a) a adequação da amostra do conteúdo do teste (b) a adequação da amostra das respostas do teste (c) a relevância do conteúdo do teste ao conteúdo do universo (d) a relevância das respostas do teste ao comportamento do universo (e) a clareza das definições do domínio e (f) a qualidade técnica dos itens da escala. Estas orientações podem ser encontradas em literatura sobre validação de teste, onde os especialistas se referem ao grau em que os conteúdos incluídos na escala se referem àquilo que se pretende medir (Guion, 1977).

Há pesquisadores de diferentes áreas temáticas que sugerem que a avaliação semântica constitua apenas um dos passos necessários ao processo de tradução e adaptação cultural e recomendam que o processo seja uma combinação entre uma componente de tradução literal de palavras e frases de um idioma para o outro, e um processo metódico de adaptação que contemple o contexto cultural e estilo de vida da população-alvo da versão (Bullinger, 1993; Perneger, 1999; Beaton, 2000; Behling, 2000; Sperber, 2004; Eremenco, 2005).

O problema relacionado com as soluções encontradas pelos tradutores para lidar com as palavras/expressões de uma cultura encontra consenso na metodologia - normas publicadas e orientações técnicas referidas para adaptação de escalas proposta por Guillemin (1993) que consiste, basicamente, em cinco fases: Fase 1) tradução; Fase 2) síntese; Fase 3) retroversão (*back translation*) - tradução da versão para o idioma original; Fase 4) avaliação por uma equipa multidisciplinar; Fase 5) pré-teste do instrumento. Nesta última fase do processo de adaptação, o pré-teste deve ser aplicado segundo Beaton et al (2002), a um conjunto entre 30 e 40 pessoas da população alvo. Primeiramente, os sujeitos respondem ao questionário e depois são entrevistados para verificar se entenderam o significado das questões e responderam adequadamente. Após a aplicação do pré-teste, faz-se uma avaliação qualitativa da escala. Assim, o processo de tradução e adaptação intercultural do instrumento POSHA-S seguiu as normas e orientações técnicas referidas para a tradução e adaptação de escalas. Na secção referente ao Estudo de Caso, descreve-se, detalhadamente, o processo e os intervenientes (composição da equipa multidisciplinar).

O objetivo da adaptação cultural é observar se os pacientes/inquiridos apresentam dificuldades para responder a um questionário, devido ao não entendimento das palavras (semântica) ou devido à diferença cultural e/ou baixa escolaridade. Relativamente a quem aplica a escala - os avaliadores, que poderão ser profissionais da área da saúde (médicos, enfermeiros, psicólogos); da educação (educadores, professores, psicólogos), deverão dominar o processo de avaliação e todas as condições que lhe são inerentes (fatores a explorar, pressupostos, compreensão dos procedimentos de administração, classificação e interpretação...), devendo, em seguida, aprofundar os seus conhecimentos relativos à filosofia do fenómeno em estudo, com a familiarização com os conteúdos da escala, itens, pontuação e interpretação. Relativamente a quem responde – os inquiridos deverão conhecer as instruções referentes ao preenchimento da escala, bem como saber qual a informação considerada relevante sobre si, que deverá constar do instrumento.

IV. INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

A medição está na génese da Psicologia como ciência e está presente em várias áreas. O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa define assim medir: “determinar, avaliar por meio de instrumento ou utensílio de medida ou algo usado como padrão”, “avaliar, aferir por meio de testes ou de outros procedimentos próprios” (neste caso da Psicologia experimental). A utilização de escalas, umas mais

divulgadas do que outras, umas mais bem construídas do que outras contribuem para a avaliação de determinados fenómenos, sendo ferramentas fundamentais para promover o conhecimento e a informação necessária para a compreensão das especificidades e questões inerentes a determinada população. Em qualquer ato de investigação, é necessário recolher a informação necessária ao estudo em causa. É neste contexto que surgem as escalas como instrumentos de medida aplicados aos comportamentos ou atitudes dos indivíduos visando proporcionar os dados sobre a temática em análise. Dito de outro modo, são instrumentos que medem (analizam, apreciam, avaliam) visando diagnosticar problemas percebidos pelos indivíduos. Deste modo, é possível captar o significado que os fenómenos têm para as pessoas assim como os fatores que as predis põem, as suas causas e consequências. Existem variados instrumentos deste tipo. Aquele a que este trabalho se refere é a escala de medida.

Uma escala de medida apresenta a quantificação na forma de uma combinação de itens organizada progressivamente de acordo com o valor ou a magnitude do traço ou característica a medir. Por outras palavras uma escala é um registo contínuo ou uma série de categorias. Ou seja, o questionário com instruções precisas de aplicação e de interpretação. Aliás, quando nos referimos a elas na língua inglesa, identificamo-los como *questionnaires*.

Em 1946, Stevens apresenta a proposta de classificação das escalas de medição. *Thurstone Guttman*, e *Likert* são nomes indissociáveis das escalas de atitudes. São apenas referidos estes por serem os utilizados na escala POSHA-S.

1. Tipos de Escalas:

1.1. Escala Thurstone

Uma escala tipo *Thurstone* é constituída por um conjunto de frases (itens) em relação às quais o sujeito avaliado deve manifestar o seu acordo ou desacordo (Lima, 2000). As frases escolhidas devem cobrir a maior diversidade possível de posições relacionadas com a atitude a medir (Alexandre, 1971).

Now, please give us more detailed opinions about stuttering.

People who stutter ...			I'm not sure
should try and hide their stutter	Yes	No	?
should have jobs that involve understanding and correct decision-making on important issues	Yes	No	?
are nervous and emotional	Yes	No	?
are timid and fearful	Yes	No	?
are to blame for their stuttering	Yes	No	?
are able to make friends	Yes	No	?
are able to lead a normal life	Yes	No	?
can perform any work they like	Yes	No	?

Fig 2: Exemplo de questão de conteúdo da Escala Thurstone para medir atitudes face à gaguez no POSHA-S

Escala Thurstone que apresenta as frases num continuum de opinião desde o concordo ao discordo, representando uma atitude favorável ou desfavorável relativamente à afirmação que é feita, sendo ainda apresentada uma opção neutra. O uso que se faz aqui da escala é mais na vertente funcional e pragmática.

1.2. Escala Guttman

Uma escala tipo *Guttman* é composta por um conjunto de frases (itens) organizado de forma hierárquica em relação aos quais se pede ao sujeito que está a ser avaliado que manifeste a sua concordância ou não. A medida da atitude é dada pelo padrão de resposta, isto é, a combinação de frases que refletem o grau de concordância do sujeito avaliado. O resultado relativo a cada sujeito é dado pelo número de respostas positivas, de acordo com os padrões de resposta preestabelecidos. Isto significa que a medida da atitude é dada pelo padrão de resposta, isto é a combinação de frases com que o sujeito que se está a avaliar concorda. (Anderson, 1990).

<u>I believe stuttering is caused by...</u>			I'm not sure
<u>genetics</u>	Yes	No	?
<u>ghosts, demons or spirits</u>	Yes	No	?
<u>a very scary event</u>	Yes	No	?
<u>an act of god</u>	Yes	No	?
<u>learning or habits</u>	Yes	No	?
<u>a virus or a disease</u>	Yes	No	?

Fig 3: Exemplo de questão de conteúdo da Escala Guttman para manifestar concordância ou não face à gaguez no POSHA-S

Escala *Guttman* em que a ordenação dos itens apresenta um crescendo na atitude desde a mais desfavorável até á mais favorável. O uso que se faz aqui da escala é mais na vertente funcional e pragmática.

1.3. Escala Likert

Uma escala tipo *Likert* é composta por um conjunto de frases (itens) em relação a cada um das quais se pede ao sujeito que está a ser avaliado para manifestar o grau de concordância desde o muito mau até ao excelente. A escala *Likert* mede atitudes e comportamentos utilizando opções de resposta que variam de um extremo a outro (por exemplo, do muito mau até ao excelente. Ao contrário de uma simples questão de resposta "sim ou não", a escala *Likert* permite achar níveis de opinião numa escala de pontos o que pode ser particularmente útil no caso de assuntos sensíveis. A dúvida centra-se essencialmente na escolha entre um número de pontos par ou ímpar. Existem argumentos a favor de qualquer tipo de escolha. A escolha de um número par ocorre normalmente pelo facto de se pretender obter uma resposta concreta por parte dos inquiridos, pelo que o que se faz é retirar uma opção neutra de forma a "forçar" os sujeitos a optarem por um dos campos de resposta: negativo ou

positivo, o que é adequado no caso de nas pesquisas sociais e de marketing (Garland, 1998), razão pela qual, se identificam, neste caso, questionários de escolha forçada. Ora o que acontece, na realidade, é que face à ausência de uma opção neutra, os inquiridos podem ser forçados a formar uma opinião na hora, ou então podem optar por não responder, o que não é o que se pretende, já que a opinião ou tomada de decisão é necessária. Este problema não se coloca quando o número de pontos é ímpar, uma vez que, neste caso, é apresentada a categoria central representando uma indecisão, uma posição neutra para uma escala, mas é preciso ter em conta que esta solução apresenta também algumas falhas. Desde logo, nem sempre é possível encontrar antónimos exatos para os pontos opostos de uma escala. Por outro lado, coloca-se também a questão de quantas opções devem ser utilizadas. Estudos têm mostrado que os inquiridos têm dificuldade em definir o seu ponto de vista em escalas com mais que sete opções de resposta, uma vez que há tendência para a escolha aleatória, o que pode prejudicar a relevância da informação a recolher, sendo as escalas de quatro e cinco categorias as mais populares (Johnson, 2002).

I would consider the following aspects of my present life as being ...	Very bad	bad	Average	Good	Excelent	I'm not sure
My physical health	1	2	3	4	5	?
My mental health	1	2	3	4	5	?
My capacity to learn new things	1	2	3	4	5	?
My capacity to speak	1	2	3	4	5	?

Fig 4: Exemplo de questão de conteúdo da Escala Likert para manifestar o grau de concordância no POSHA-S

Escala *Likert* ímpar constituída por cinco pontos em que as escolhas são ordenadas da esquerda para a direita, apresentando uma categoria central.

2. Níveis de medida

Em diversos artigos, Stevens retoma a definição de 1946 dos níveis de medida que se tornaram familiares na área da Psicologia: nominal, ordinal, intervalar.

2.1. Escala nominal

Uma escala nominal corresponde ao nível mais básico de medição, uma vez que, digamos, nomeia. Os dados são divididos em categorias exclusivas e exaustivas, o que implica que toda a fração de dados se encaixe numa única categoria e que todos os dados se encaixem nalguma categoria da escala. Os números ou as letras são associados a objetos e servem como rótulos de identificação ou classificação:

Sexo: (1) Masculino (2) Feminino Área Geográfica (1) Urbana (2) Rural

Fig 5: Exemplo de escala nominal no POSHA-S

Escala nominal em que o indivíduo é classificado mediante uma categoria previamente determinada.

2.2. Escala ordinal

Uma escala ordinal mantém as características da escala nominal, mas tem a capacidade de ordenar os dados (e.g. 0-Nunca 1-Raramente 2-Frequentemente 3- Sempre). Organiza as alternativas de acordo com sua magnitude num relacionamento ordenado. Quando se solicita aos inquiridos que ordenem as suas respostas, são apresentados valores ordinais.

Circule o número (ou ?) ao lado de cada característica ou seleccione com [✓] as caixas que se aplicam						
O rendimento da minha família é [...] comparado com o rendimento anual de...	Entre os mais baixos		Média		Entre os mais altos	
família e amigo	1	2	3✓	4	5	?

Fig 6: Exemplo de escala ordinal no POSHA-S

Escala ordinal em que cada observação permite a associação do indivíduo em causa a um determinado grupo.

2.1. Escala intervalar

Uma escala intervalar indica não só a ordem, mas também o intervalo ou as distâncias entre os níveis de apreciação. Mede a ordem em unidades de intervalos iguais. Visto que na escala em apreciação não existe um exemplo deste tipo, sugerem-se os testes de aproveitamento ou os de inteligência.

Um instrumento de avaliação deve possuir basicamente três propriedades para que seja considerado confiável: reprodutibilidade, validade e sensibilidade a uma alteração. A reprodutibilidade significa que a medida deve apresentar valores similares em condições constantes, mesmo após muitas repetições, ou seja, deve produzir resultados iguais ou muito semelhantes, em duas ou mais utilizações para o mesmo indivíduo, considerando que seu estado não tenha sido alterado. A validade de um instrumento é a propriedade que avalia se o foco do questionário é respeitado, ou seja, se as questões dizem respeito ao objetivo mencionado na avaliação. A sensibilidade refere-se à habilidade da avaliação em refletir as verdadeiras mudanças ou diferenças na qualidade de vida do paciente/inquirido (Testa et al, 1996).

Os instrumentos de avaliação, de que se ocupa a avaliação psicológica, são fundamentalmente dependentes da escrita, pelo que as preocupações se voltam para a necessidade de equivalências conceituais e linguísticas, de forma a manter uma equivalência cultural do conceito a ser medido.

V. EQUIVALÊNCIA LINGUÍSTICA

Neste âmbito, pode-se afirmar que a linguagem, inseparável do homem, segue-o em todos os seus atos. É o instrumento graças ao qual o homem forma o seu pensamento, os seus sentimentos, as suas emoções, os seus esforços, a sua vontade e os seus atos, no fundo, o instrumento com o qual influencia e é influenciado. É a principal forma pela qual conseguimos transmitir afetos, preocupações, desejos, sintomas; aliada à comunicação não verbal, igualmente importante na relação com os outros. O funcionamento da linguagem mostra que ela não se exprime só pelas palavras. O significado encontra-se tanto no que ela diz como no que não diz; daí que traduzir para outra língua seja um fenómeno muito mais complexo do que a prática parece mostrar.

Cada homem tem o poder da língua que fala; ele e o seu pensamento e discurso são um produto dela. Ele não pode pensar com total determinação nada que esteja fora dos limites da sua língua. A configuração dos conceitos, as articulações estão previamente traçadas pela língua em que ele nasceu e foi educado; o entendimento e a fantasia estão ligados por ela. Por outro lado, porém, cada homem é livre de pensar e assim, molda também a língua. Foi assim que a língua se foi formando e crescendo desde o seu estado primitivo e rude até à formação completa em ciência ou arte. Neste sentido, portanto, é através da língua que o indivíduo produz novas formas utilizando a matéria maleável da língua, originalmente apenas com o propósito momentâneo de partilhar uma consciência transitória (Eco, 1997).

“A língua é um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos. Meio através do qual uma coletividade se expressa, concebe o mundo e age sobre ele. É a utilização social da faculdade da linguagem.” (Cunha e Cintra, 2005; 1)

Segundo os autores na primeira definição de língua, esta é um “sistema gramatical” depois, é vista como um conjunto de sistemas linguísticos colocando-se a tónica na utilização social da faculdade da linguagem, ou seja, na possibilidade humana de se comunicar, de interagir ao nível das ideias, o que só é possível com a aquisição desta ferramenta abstrata que é a língua. Pode-se perceber que a linguagem própria de um povo é a língua e os autores definem-a quando conceituam o que é a linguagem.

Dubois et al. (1993) concebe a língua como um instrumento de comunicação, um sistema de signos específicos utilizados pelos membros de uma comunidade para comunicar entre si. O Dicionário de Linguística refere-se ao termo como língua materna, distinguindo a língua escrita da língua falada.

Estas são consideradas cada uma como um sistema singular dentro da própria língua. Esta é referida como aspeto social e a fala como ato individual. A língua é, pois algo que é determinado pelas condições específicas de uma sociedade e de uma cultura e deste modo, entende-se que, neste âmbito, no processo de tradução, o tradutor deve ter em conta os fatores culturais sem esquecer que a palavra só tem sentido num contexto linguístico e cultural específico. De acordo com o referido, uma tradução só terá sucesso, com o necessário conhecimento das línguas de trabalho e com o envolvimento cultural, tanto com a CP como da CC. Parafraseando Sapir as línguas são culturalmente constituídas como se de acontecimentos sociais se tratasse, tornando-se um factor de segregação e de separação no seio da humanidade. Como qualquer fato cultural, transcende o individual, mas permanece aquém do universal em realizações paradoxalmente singulares caracterizadas pelas circunstâncias particulares do seu emprego (apud Mandelbaum, 1985).

A língua sendo algo determinado pelas condições específicas de uma sociedade, juntamente com a cultura são fatores dominantes que fazem da tradução uma atividade intelectual tão indispensável quanto complicada que pressupõe a apropriação de sentidos, o que implica desvendar a questão da significação na tradução através da adaptação intercultural. Assim, pode-se afirmar que no processo de tradução, o tradutor deve ter em conta os fatores culturais e pensar que a palavra só por si não carrega o sentido completo. Este, só é adquirido quando aquela está inserida num contexto determinado que lhe transmita um sentido específico, completo.

Segundo Umberto Eco (2007; 190), uma tradução não diz respeito apenas a uma passagem entre duas línguas, mas entre duas culturas, ou duas enciclopédias". Um tradutor não deve levar em conta somente as regras estritamente linguísticas, mas também os elementos culturais, no sentido mais amplo do termo. O significado de tradução utilizado neste estudo é também o proposto por Albir (2001, 21) como sendo:

"[...] proceso interpretativo y comunicativo que consiste en la reformulación de un texto con los medios de otra lengua y que se desarrolla en un contexto social y con una finalidad determinada" (Hurtado Alvir, 2001:147).

Esta definição tem em conta o facto da tradução se produzir entre sistemas linguísticos diferentes sendo que o processo em si, exige do tradutor a capacidade de confrontar áreas específicas de duas línguas e também de duas culturas diferentes.

Tradicionalmente, concebe-se a tradução como a transmissão do mesmo sentido ou da mesma forma de um original para outra língua – LC (Nida, 1964; Catford, 1965). Nesta concepção teórica, o TP deverá reproduzir as ideias do original no TC, ou seja, deve trazer para a segunda língua, termos equivalentes, em sentido, dos presentes na LP, já que as línguas não são meras cápsulas com os significados fixos da realidade. Daqui se depreende que a tradução não está ligada à significação como a encontramos no dicionário, ou seja, à associação do significado ao objeto real ao qual a palavra se refere ou a descrição das propriedades do seu referente, mas sim, aos sentidos culturalmente construídos, ao subjetivo, à

visão de mundo de cada indivíduo como afirma Eco (1975:36) quando refere que a cultura, como um todo, é um fenómeno de significação e comunicação e a humanidade e sociedade só existem a partir do momento em que se estabelecem relações de significação e processos de comunicação.” Opinião reforçada por Venuti(1992:497):

“Integrating translation within both the writing and the reading experience, drawing on more than one culture, more than one language, more than one world experience, within the confines of the same text.”

Nesta ordem de ideias, Newmark (1988:95) conclui dizendo “The more specific a language becomes for natural phenomena the more it becomes embedded in cultural features, and therefore creates translation problems.” Deste modo, a tradução deve explicitar e tornar consciente o que é implícito e inconsciente no ato da tradução sempre que seja necessário. Claro que o significado da palavra é importante, se permanecemos no contexto verbal, não é outra coisa senão a sua tradução por outras palavras. Aqui observa-se a importância da tradução, num sentido mais vasto, para a comunicação em geral e para a comunicação intercultural em particular, pelo que a tradução Intercultural exige um detalhado estudo das culturas em questão para tornar possível ao tradutor ser capaz inicialmente de entender o que acontece no texto e contexto, e posteriormente de encontrar equivalentes para aquele fenómeno na língua e cultura.

“If we look at culture from a linguistic point of view, we get a one-sided view of culture. If we look at language from a cultural point of view, we get a one sided view of language.”
(Witherspoon, 1980:2)

Ao falar em cultura em contexto de tradução fala-se de relações de significação e processos de comunicação que envolvem pelo menos duas línguas, e às vezes mais, caso das citações numa terceira língua, dos empréstimos e dos estrangeirismos. Cada uma com as suas peculiaridades e costumes diversificados, cada uma contemplando variantes pessoais, grupais, regionais e, nacionais. Cada uma com inúmeros componentes de descrição linguística a ter em conta, todos significativos. Cada componente potencialmente caracterizada pela plurissignificação ou pela extensão do significado (Eco, 1997).

Sem tradução seria impossível conseguir que uma pessoa compreendesse objetos que não façam parte da sua cultura. Os conceitos de compreensão e interpretação são, portanto, palavras-chave no fenómeno da tradução intralinguística, fenómeno que realizamos tão frequentemente, que nem nos damos conta, tão inconscientemente que raramente paramos para observar a sua complexidade formal.

1. Orientações tradutológicas

Para melhor compreender esta questão, torna-se necessário relembrar a contribuição valiosa de Roman Jakobson(1990). Ele foi o primeiro a discriminar e definir os tipos possíveis de tradução: (1) a intralinguística (tradução dentro da mesma língua), a (2) interlinguística (tradução entre línguas

diferentes) e a (3) intersemiótica (“transmutação” de um texto de um suporte material para outro). Está-se na presença da tradução intralinguística ou reformulação (*rewording*) quando basicamente se procede à substituição de material textual com o objetivo de reformular a mensagem na mesma língua em que esta foi escrita. Este tipo de tradução baseia-se na procura de equivalentes na LC, ou seja, na própria língua embora a questão cultural não possa passar despercebida. Conforme referido, neste tipo de tradução interpretam-se os signos verbais de uma língua através de outros signos verbais da mesma língua, ou seja, utilizam-se sinónimos (Jakobson, 1975) para o que é expresso. Deste modo, o significado de uma palavra não é mais do que a sua tradução por outras palavras.

No caso da tradução interlinguística além de se ter em conta a questão cultural que existe sempre que de uma tradução se trate, há também a questão linguística – a língua é diferente, mas há casos em que a língua não difere, pelo contrário, é a mesma (tradução intralinguística), situando-se o problema nitidamente a nível cultural sendo a tónica colocada no processo de transferência de culturas. Além da tradução entre línguas e dentro da mesma língua, existe a tradução entre sistemas diferenciados de signos - tradução intersemiótica - que consiste na passagem de um sistema verbal para outro tipo de sistema, não-verbal, por exemplo, e que se constitui como um processo tradutológico, em que se trabalha com dois signos: o original e o traduzido. Ou seja, a tradução intersemiótica interpreta determinados signos que são expostos por outros pertencentes a outro sistema e, condizentes com o novo meio (adaptação de um romance ao cinema, por exemplo, em que há passagem do sistema verbal para o audiovisual).

Sem tradução seria impossível que uma pessoa compreendesse objetos que não façam parte da sua cultura. Aqui reside a importância da tradução, para a comunicação em geral e para a comunicação intercultural em particular. Os conceitos de compreensão e interpretação são, portanto, palavras-chave na tradução intralinguística. E, sob este ponto de vista, esta é um fenómeno tão frequente, no dia a dia, que nem temos consciência disso. O objeto da tradução corresponde a todas as possibilidades de comunicação verbal do homem, podendo-se afirmar que a tradução procura o estabelecimento da comunicação interlinguística reduzindo as fronteiras da diversidade. Assim, o tradutor converte-se num sujeito integrante de uma comunidade maior, dotado de visões do mundo e perspectivas alargadas.

Bassnet (1991) reafirma este ponto de vista e esclarece: a língua, então, é o coração dentro do corpo da cultura e é da interação entre as duas que resulta a continuação da energia. Assim da mesma forma que o cirurgião ao operar o coração não pode negligenciar o corpo que o envolve, o tradutor também não pode ao traduzir ter só em conta o texto.

VI. TRADUÇÃO E CULTURA

A cultura, tal como a linguagem é um código simbólico através do qual as mensagens são transmitidas e interpretadas, pelo que ao traduzir não basta traduzir a palavra porque esta está impregnada de sentido específico que ganha significado num determinado contexto cultural. Assim, ao traduzir é necessário ter

em conta tudo isto, caso contrário, perdem-se informações que são cruciais para conseguir entender o contexto cultural e transmitir o sentido do TP, ou seja, traduzir com qualidade.

“[...] translation is not just the transfer of texts from one language into another, it is now rightly seen as a process of negotiation between texts and between cultures, a process during which all kinds of transactions take place mediated by the figure of the translator.”
(Bassnet, 2002: 6)

Reiterando Umberto Eco (2007:190) quando refere que “uma tradução não diz respeito apenas a uma passagem entre duas línguas, mas entre duas culturas, ou duas enciclopédias”, um tradutor não deve levar em conta somente as regras estritamente linguísticas, mas também os elementos culturais, no sentido mais amplo do termo”.

Esta ideia implica uma das áreas mais problemáticas e controversas da área da tradução, uma vez que envolve a questão da correspondência a vários níveis e esta envolve a cultura num sentido restrito como estratégia de desambiguação, com vista à construção dos sentidos e atualização de significados entre duas enciclopédias, dois mundos que se expressam através de palavras que possuem no seu interior associações e conotações transferíveis. Ora, relativamente à passagem da escala POSHA-S do inglês para o português e à sua adaptação cultural, visto tratar-se de culturas diferentes, há que ter em consideração a variedade cultural, o confronto entre as duas sociedades/sistemas/culturas, o que implica a noção de equivalência, termo de difícil definição que resulta precisamente da impossibilidade de ter uma abordagem universal para esta noção. Isto coloca o tradutor numa situação complicada dado que é quase impossível a completa equivalência, conforme afirma Jakobson ao demonstrar que mesmo na tradução intralinguística frequentemente tem de se optar pela combinação de unidades de um código para interpretar completamente o significado de uma única unidade. No entanto, há que fazer um esforço de previsão de problemas culturais, no sentido de os poder resolver de facto. A tradução inicia-se a partir do momento em que o tradutor percebe o que está a traduzir, tornando consciente o que é implícito e inconsciente no ato da tradução, ou seja, consegue descrever a situação e o alcance da mesma o que implica o domínio linguístico, sem o qual não seria possível sequer haver comunicação.

Em jeito de conclusão, pode-se afirmar que o tradutor deve ter em conta as duas faces da mesma moeda: a face da língua e a face da cultura. Pois, ao entender o sentido construído culturalmente, o tradutor compreenderá significados especializados num determinado grupo social e, com o estudo profundo e simultâneo da língua e da cultura. A cultura de um povo forma o seu mundo. Do ponto de vista tradutológico a cultura é, um cenário de composições e orientações para o mundo revestidas de formas simbólicas. Através da cultura é possível intuir, reconhecer, experimentar, procurar tradições linguísticas e outras. Por tudo isto ao traduzir, o tradutor deve ter em conta a transcodificação da palavra, a equivalência de significado, mas também os sentidos do autor, o contexto, o cenário, uma vez que, conforme referido a cultura de um povo, forma o seu mundo e, esses mundos (sociedades) variam quanto ao estilo de construção e desenvolvimento. Logo, cada mundo é definido, descrito e

entendido de maneira específica, única, o que faz com que as personagens que o compõem tenham também maneiras diferenciadas de agir (ser e estar). Deste modo, e conforme já mencionado, a tradução como um ato de comunicação, tem uma abordagem orientada em função do TC vendo-o como uma parte integrante do mundo e não como um género isolado da língua.

Neste trabalho, a importância da tradução reside precisamente no facto de, através dela, se poder reformular uma mensagem num idioma diferente. Assim, a tradução visa dispensar o leitor da leitura do texto original (TP), substituindo-o pelo mesmo texto na língua de chegada (TC).

Catford (1965) define a tradução como a substituição de material textual de uma língua por material textual equivalente para outra língua, assegurando que o problema central da prática da tradução é achar equivalências. Já Nida (1969) refere que traduzir consiste em reproduzir na LC o equivalente mais próximo da mensagem da LP, em termos de significado e de estilo. Enfatiza que o tradutor se deve esforçar para utilizar a equivalência em lugar da identidade.

Roman Jakobson assinala a equivalência como um problema central da língua e uma preocupação linguística. Tal como Nida (1964), refere que desde que nenhuma das duas línguas seja idêntica, os significados dados a símbolos correspondentes também não o são. O objetivo da adaptação/equivalência cultural está relacionado com a clareza, compreensão, relevâncias culturais, o que é espelhado através do uso apropriado das palavras nas escalas traduzidas. Relativamente à questão da equivalência, Nord (2005) refere também *"The translator's interpretation should be identical with the sender's intention"*. A intenção (objetivo) é sempre definida do ponto de vista do TP, que pretende alcançar certo propósito com o texto. Percebe-se, portanto, que intenção aqui se refere tanto à intenção que teria dado origem ao TP, mas também, à intenção por trás de todo ato tradutológico, geralmente pertencente ao tradutor. Logo, são as suas intenções e propósitos comunicativos que contribuirão para a produção do TC. Esta responsabilidade, por sua vez, é uma tarefa recebida pelo tradutor, que deve respeitar as intenções e propósitos comunicativos do iniciador do processo de comunicação, mas também atender ao contexto de uso da sua tradução. Estas intenções terão grande impacto no processo de tradução. Nord salienta o importante papel do emissor do TP na produção da tradução, referindo-se à intenção do mesmo. De acordo com Susan Bassnett, tradução significa estar profundamente comprometido com questões relativas à interação cultural e a tradução Intercultural exige um profundo conhecimento das culturas envolvidas (CP e CC), sendo difícil, senão impossível realizar uma tradução de qualidade sem se ter consciência dos aspetos culturais envolvidos.

O seguinte exemplo ilustra bem esta questão. Na tradução de *"a chip off the old block,"* teríamos em português, numa tradução literal, "uma farpa de um bloco de madeira velha". Esta mensagem, embora corresponda à tradução de cada uma das palavras presentes no enunciado da LP, não reproduz os mesmos efeitos na LC. Em português, a expressão "uma farpa de um bloco de madeira velha" não nos

diz grande coisa ou quase nada, pelo que não será compreendida e poderá, mesmo, gerar confusão se não for explicada.

Conforme já mencionado, a língua é algo que é determinado pelas condições específicas de uma sociedade e de uma cultura e assim, entende-se que, neste âmbito, no processo de tradução, o tradutor deve ter em conta os fatores culturais sem esquecer que a palavra só tem sentido num contexto linguístico e cultural específico. Assim, uma tradução só terá sucesso, de acordo com o referido, com o necessário conhecimento das línguas de trabalho e com o envolvimento cultural, tanto com a CP como da CC.

Um dos erros mais comuns é pensar que seria correto proceder à tradução literal com base no argumento de que o TC deve ser “fiel” ao TP. Esta teoria, não é, porém aceite, embora possa ser considerada legítima, sobretudo entre línguas que partilham uma mesma cultura. (Vinay e Dalbérnet, 2000). Atualmente entende-se que a “fidelidade” da tradução está mais associada à reprodução dos mesmos efeitos do que à escolha das mesmas palavras literalmente correspondentes. Ou seja, no exemplo referido acima: a mensagem não mantém na LC, o impacto produzido na LP. Isto acontece porque, para traduzir, além de conhecer o idioma, devemos conhecer a cultura dos povos envolvidos. É uma ilusão acreditar que apenas com bons dicionários poderemos traduzir tudo. Aliás, muitas pessoas pensam que traduzir, é hoje, uma tarefa, muito fácil e facilitada com a disponibilização do Google tradutor e de outros softwares que permitem traduzir qualquer texto para qualquer idioma. Isto é um erro crasso, porque felizmente para nós tradutores, as máquinas ainda não têm a capacidade de entender a cultura, portanto, o software poderá até ajudar e ajuda no processamento de dados, mas não substitui o tradutor nessa complexa tarefa que é traduzir.

O provérbio “*a chip off the old block*” integra a sabedoria popular dos falantes da LP. Trata-se de um ditado popular conhecido e referido por pessoas das mais diversas classes sociais. Quando um falante de inglês o ouve, não precisa de explicações complementares para compreender o alcance da mensagem. O desafio da equivalência consiste em reproduzir esse efeito na LC (neste caso, o português). O dicionário fornece o significado de “*chip*” como um fragmento irregular que salta ou cai de uma peça de madeira, que se rompe. Ou seja, significa, “*farpa*”, então teremos “uma farpa de um bloco de madeira velha”. A pergunta que se impõe é: Isto faz sentido para nós portugueses? Não. Pois não. E se dissermos: “Tal pai, tal filho”? Ou, ainda, “Filho de peixe, sabe nadar”? Agora, já faz sentido. E, é atingido o objetivo de fazer com que a mensagem da LP produza o mesmo impacto na LC e seja compreendida pelo público-alvo na LC. Só que, para isso, houve necessidade de criar uma mensagem que não era idêntica, mas equivalente em sentido à da LP tendo em conta produzir na LC o mesmo impacto produzido na LP.

Jakobson assinala que a equivalência é o problema central da língua e o agente principal da preocupação linguística. Um dos grandes problemas do processo de tradução advém do sentido culturalmente construído pelo autor do texto, ou seja, os sentidos do autor, o contexto, o cenário a ser traduzido, já que a base de qualquer código cultural é um sistema ideológico através do qual o mundo é

definido, descrito e entendido. Do ponto de vista da prática de tradução a cultura é, num sentido mais lato, o lugar do conhecimento intersubjetivo que permite atualizar, cada vez com mais eficácia, uma relação de equivalência interlínguística.

A equivalência é, pois a directriz da tradução, de acordo com Sapir: “Nenhuma língua pode existir a menos que esteja num contexto cultural; e nenhuma cultura pode existir sem que tenha no seu núcleo, a estrutura da língua natural” (*apud* Bassnett, 1991). E para a sua “correta” compreensão, ou seja para a leitura do cenário a ser traduzido há que entender o sentido construído culturalmente, só assim se compreenderão os significados especializados do contexto em causa, o que evitará conclusões ambíguas. Além disso, Mona Baker (1992) sugere que os tradutores adotem o termo “equivalência” por conveniência, apenas porque a maioria dos tradutores está assim acostumada, em lugar de qualquer condição teórica. Conclui que “equivalência” pode normalmente ser obtida até certo ponto, e é então sempre relativa dependendo do maior ou menor grau de convergência ou de divergência linguística e cultural entre as duas línguas envolvidas na tradução.

A contribuição principal para esta abordagem é dada por Vermeer (1986), cuja Skopostheorie, se baseia na função do texto traduzido. Para ele a tradução é primordialmente uma transferência intercultural. Um tradutor que não se envolve com a cultura terá dificuldades em desempenhar o seu papel devendo ter-se em linha de conta o tipo de texto, o seu objetivo, a sua função predominante. Por outras palavras, a tradução pode ser descrita como um “acontecimento transcultural” uma vez que envolve diferentes culturas. Isto aplica-se tanto a pares cujas línguas que são próximas culturalmente (como o português e o francês) bem como a pares de línguas culturalmente mais distantes (como o inglês e o chinês). Traduzir significa, portanto, interpretar. Deste modo, é necessário referir a importância da correta interpretação do texto original (TP) pelo tradutor, para que o mesmo possa também ser corretamente compreendido pelo seu público-alvo. Neste sentido, a função do tradutor como mediador é tornar compreensível o que antes era ininteligível para o público-alvo, pelo que a tradução já acontece dentro de uma mesma língua. Nesta reflexão, a noção de 'traduzir' é sinónimo de 'interpretar' por isso o tradutor é visto como um intérprete cujas traduções ou interpretações devem ser corretas para que se consiga uma comunicação fidedigna e de qualidade. E isto só acontece porque o tradutor tem de conhecer as faces da mesma moeda: o domínio das línguas (LP e LC) e o conhecimento das culturas correspondentes (CP e CC). Tem que se inserir no sistema ou contexto cultural em que está a trabalhar, para poder compreender e sentir o impacto que se pretende transmitir. Ter em conta apenas uma das faces da moeda, é analisar a situação sob um único ponto de vista, não abarcando o todo necessário a uma visão de conjunto imprescindível à análise tradutológica. O tradutor ao traduzir tem que analisar a mensagem sob estas duas perspetivas e conjugá-las.

Face ao exposto, a tradução não é uma cópia ou um mero reflexo do texto original manifestado noutra língua, mas uma reconstrução formulada pelo tradutor, que recria o texto num espaço e tempo distinto, tendo sempre presente que língua e cultura são faces da mesma moeda, uma não existe sem a outra, uma não é mais importante que a outra, apenas se complementam.

Conclui-se então que, apenas a equivalência de significados não é critério satisfatório para a correta tradução e que o tradutor de significados não vai além de uma tradução literal da língua, embora “a tradução literal seja correta e não deva ser evitada, uma vez que assegura a equivalência referencial e pragmática em relação ao original” (Newmark, 1988). O “verdadeiro” tradutor leva em conta os sentidos - a cultura - faz o papel de mediador entre línguas e universos diferentes sem, contudo, supervalorizar uma alternativa em detrimento da outra. Ou seja, o tradutor não se deve limitar apenas à palavra. Deve ter em conta que a língua não gira em torno da palavra, não faz sentido fazer uma tradução literal das palavras pensando que se está a traduzir um texto que envolve conhecimento e cultura. É imperioso que o tradutor tenha a capacidade de reconhecer que o referente da palavra faz parte da realidade objetiva do mundo. Que qualquer palavra, além de ter um significado, tem um sentido. E em relação ao sentido das palavras, há interferências externas nítidas (fatores culturais) que exigem que o tradutor tenha especial cuidado na realização do seu trabalho. A cultura faz o papel de ponte entre línguas e universos diferentes. Ou seja, o tradutor não deve ter a concepção de significante como sendo apenas a palavra. Deve-se ter em conta que a língua natural não é significativa e representativa a partir da palavra, não é estruturada a partir palavra.

1. Processo de tradução e adaptação cultural

A tradução tem sido definida de várias maneiras. É um termo multifacetado e são muitos os autores que têm se dedicado ao assunto. Segundo Jeremy Munday (2001: 4-5), esta diversidade pode ser vista tanto quando se discutem os aspetos gerais do campo tradução; o produto (o texto traduzido) ou o processo (a ato de traduzir e a tradução em si). Daí que se possa afirmar, de acordo com Susan Bassnett, que a tradução não é somente a transferência de textos de uma língua para outra – ela é hoje corretamente vista como um processo de negociação entre textos e entre culturas, um processo em que ocorrem todos os tipos de transações mediadas pela figura do tradutor (2003:9).

Historicamente, a adaptação de um instrumento elaborado num outro idioma detinha-se à simples tradução do original ou à comparação literal deste com retroversões. A adaptação cultural de um instrumento de avaliação pressupõe uma metodologia que engloba etapas que vão além da simples tradução do instrumento, considerando aspetos culturais e de linguagem do público-alvo. A tradução exige a combinação de conhecimentos linguísticos, culturais e situacionais, para que assim se constitua a habilidade tradológica. Habilidade que se concretiza no percurso metodológico para a tradução e adaptação intercultural de escalas e que combina também dados da literatura teórica, além de incorporar um vasto leque de propósitos, definições e revisão de teorias. De acordo com o material selecionado, a adaptação cultural de um instrumento de recolha de dados, para utilização num outro idioma diferente do da sua origem, requer uma metodologia única para que seja obtida equivalência entre a língua original e o idioma ao qual se destina (Beaton, 2000). Essa adaptação intercultural consiste num processo que trabalhe não apenas com o idioma, mas também com a cultura que é diferente do país para o qual se deseja validar o instrumento (Guillemin, 1993). Isto deve acontecer para que a escala mantenha a validade de conteúdo nessa nova língua e nova população, para o que se realiza a análise fatorial

exploratória dos dados o que permite investigar os padrões de correlação entre as questões da escala, visando identificar o conceito latente nas questões. A adaptação intercultural visa observar a importância da dimensão situacional, verificando se as medidas desenvolvidas para situações específicas se aplicam ao contexto em questão. (Guillemim, Bombardier, Beaton, 1993).

Recentemente, alguns pesquisadores têm sugerido que a adaptação semântica, através da tradução e da retroversão, seja apenas um dos passos necessários ao processo de adaptação intercultural (Berkanovich, 1980; Patrick et al., 1985; Bucquet et al., 1990; Bravo et al., 1991; Badia & Alonso, 1995; Herdman et al, 1997, 1998; Reichenheim & Moraes, 2002). Guillemim et al., revisto por Beaton et al., propuseram um conjunto de instruções padronizadas para adaptação intercultural de instrumentos de qualidade de vida, incluindo cinco etapas: (1) tradução, (2) síntese, (3) retroversão (*backtranslation*), (4) revisão pela equipa, (5) pré-teste e teste do instrumento, com reavaliação dos pesos da pontuação, se relevante. Estas etapas serão descritas detalhadamente, a seguir.

A tradução do instrumento do inglês para a língua portuguesa deve ser realizada por dois tradutores independentes, conhecedores da língua materna do questionário e cientes do objetivo do trabalho. Após análise das duas traduções (T1 e T2) e sua comparação com o instrumento original, ambas devem ser sintetizadas numa única tradução (T1-2) (Guillemim, 1993; Herdman, 1997).

Etapas 1: Tradução Inicial (T1 e T2)

Duas traduções devem ser realizadas por tradutores independentes, um que conheça a temática da escala e outro que não conheça, não podendo trocar informações entre si. As traduções devem ser comparadas e as discrepâncias observadas nas traduções devem ser resolvidas consultando os próprios tradutores. Estes devem ser nativos do país onde a escala está a ser validada e ter domínio do seu idioma e do idioma original da escala. A tradução pressupõe a obtenção de uma versão que preserve o mesmo significado em cada item nas duas línguas – LP e LC. O facto de a tradução ser feita por dois tradutores independentes, permitirá que mais facilmente se encontrem erros ou interpretações divergentes de termos que possam ser ambíguos na LP. Necessário será dizer que o tradutor não deve levar em conta, somente a transcodificação da palavra, a equivalência de significado, deve também levar em conta os sentidos do autor, o contexto, o cenário a ser traduzido, só assim poderá ver o ponto de vista e estilo de construção do autor do TP. Há que referir também que, a questão cultural se coloca essencialmente quando se pretende estabelecer comparações de resultados da aplicação de um mesmo instrumento em culturas diferentes. A necessidade de comparação surge quando são detetadas ou esperadas diferenças de comportamento nos pacientes/inquiridos ou nos prestadores de cuidados, face aos cuidados de saúde prestados (Ferreira et al).

Etapas 2: Síntese das duas traduções (produção da versão T1-2)

Trabalhando com o instrumento original e com as duas traduções, uma terceira pessoa deve compor

uma versão final (síntese) das duas traduções, devendo ser feito um relatório detalhado, descrevendo todas as discrepâncias ocorridas bem como a resolução das mesmas.

Etapa 3: Retroversão (produção das versões BT1 e BT2)

Esta consiste em proceder à tradução para a LP, permitindo a comparação com o original – TP com vista à deteção de erros. Nesta fase trabalha-se com a versão sintetizada (T1-2) das traduções. Os (retro) tradutores desta etapa devem ter nascido e ter sido alfabetizados no país de língua original da escala a ser adaptada tendo domínio linguístico e cultural do idioma original bem como o domínio da língua para qual o instrumento está vai ser adaptado, não devendo ter acesso ao instrumento original. Esta fase tem por objetivo a deteção de erros tradutológicos.

A retroversão, que consiste em proceder à tradução para a LP, é realizada por dois tradutores independentes, de preferência nativos da língua inglesa, que ao contrário dos primeiros, não devem ter conhecimento do objetivo da tradução, visando permitir a comparação com o original – TP. A partir da T1-2 em português devem ser produzidas duas retroversões para a língua inglesa (BT1 e BT2). Estas devem ser comparadas com o instrumento original e sintetizadas numa única versão 1-2 (BT1-2) (Hutchinson, 1997).

Etapa 4: Revisão pelo grupo de especialistas

Escolher a composição do grupo de especialistas é muito importante para alcançar a equivalência cultural do instrumento traduzido. Segundo Beaton et al (2002) o grupo deverá ser formado por especialistas bilíngues e deve conter no mínimo: um metodólogo; um profissional da área em análise; um linguista; todos os tradutores (versão e retroversão) e o pesquisador que fez a síntese da T1 e T2. A reunião deverá ser presencial e os elementos presentes devem fazer parte do processo para responder a possíveis questões e fornecer soluções. Os demais colaboradores deverão estar próximos neste processo para responder a possíveis questões e providenciar soluções. Todos os membros do grupo deverão receber todas as versões da escala a ser adaptada (escala original, T1 e T2, T1-2, BT1, BT2, BT1-2). Deverão receber também as instruções de aplicação da escala, bem como os critérios de interpretação. Nesta fase devem avaliadas as equivalências semântica e idiomática, que correspondem ao significado das palavras e ao uso de expressões nos respectivos idiomas; analisando a coerência dos itens e discutindo a equivalência cultural, uma vez que as situações apresentadas no instrumento devem corresponder às vivenciadas no contexto da cultura de chegada (Hutchinson, 1997).

O grupo formado por uma equipa multidisciplinar reúne-se para analisar as divergências entre o instrumento original e as traduções e, produzir então, a versão portuguesa. No caso em estudo a equipa multidisciplinar é composta por um metodólogo, profissionais de saúde linguístas e tradutores.

2. Tipos de Equivalências:

A equivalência é um conceito pertencente ao domínio da tradutologia. No caso em apreço, será mais apropriado falar em equivalência “funcional”, uma vez que os termos presentes nas escalas são, na sua essência, culturalmente marcados, podendo apresentar sentido ou uso diferente e até mesmo equivocado mesmo em países que falam a mesma língua. O termo, refere-se, sobretudo, ao “grau” de equivalência em que uma palavra, uma frase, ou um texto da CP pode ser considerado na LC e na CC. A equivalência tem traços do discurso ou da palavra e depende da tradução, ou seja, deve ser vista no plano do discurso e percebida como fruto da interação entre o tradutor e o texto. A origem da noção de equivalência é difícil de determinar, tanto que, conforme referido, Jakobson já utilizava esse termo em 1959. É inegável que o termo “equivalência” subentende uma relação de valor igual, o que justifica seu emprego nos estudos matemáticos. A etimologia do termo remete para a igualdade, ou a obtenção de um mesmo valor, o que pressupõe que os intercâmbios linguísticos se possam realizar em perfeito equilíbrio numa relação em que duas palavras de duas línguas diferentes estejam em posição simétrica, já que cada significante só adquire significado ao remeter para outro significante. Assim, pode-se afirmar que quando se fala em equivalência, geralmente pensa-se em equivalência em termos de significação. Isto não significa, contudo, que os demais aspetos não sejam relevantes, ou que seja possível tratar de todos os aspetos do fenómeno tradutório abordando apenas a significação. Parece claro então que, de uma perspectiva puramente semântica (i.e. deixando de lado questões pragmáticas ou outras) é plausível aceitar a possibilidade de que duas afirmações tenham o mesmo significado. No entanto, em tradução pratica-se a diferença entre valores, crenças e representações. Assim, a tradução é "o lugar de múltiplas determinações e efeitos - lingüísticos, culturais, institucionais, políticos" (Venuti, 1992,). Deste modo, cada elemento encontra-se num contexto tecido por outras palavras e por outras configurações textuais. Assim, durante a tradução dos instrumentos, há aspetos, não só semânticos que devem ser avaliados.

Herdman (1998), metodólogo que estudou a adaptação intercultural de instrumentos de medida, na apreciação de diferentes aspetos do processo, coloca a ênfase no facto de ser imprescindível preservar o mesmo significado ou sentido dos itens que compoem o instrumento a fim de manter a integridade do mesmo, o que visa tornar uma escala construída numa determinada cultura, compreensível e, devidamente validada para ser utilizada numa outra cultura. Assim, Herdman propõe um plano básico que abrange a apreciação de seis equivalências, a saber: equivalência conceitual, de item, semântica, operacional, de medição e funcional.

- A *equivalência conceitual* consiste em explorar o fenómeno de interesse e avaliar se tanto na população de origem do instrumento, quanto naquela a ser testada, ele se assemelha. Ou seja, refere-se à descrição dos conceitos que o instrumento pretende medir assim como as relações existentes entre estes conceitos. Com a equivalência conceitual avalia-se a equivalência do fenómeno na cultura original, pretendendo-se que seja mantida a coerência do item em relação ao que este pretende avaliar.

- A *equivalência de item* avalia se os tópicos que compõem a escala medem os mesmos domínios e se são relevantes. Baseia-se na apreciação da pertinência dos itens utilizados para a captação dos domínios avaliados pelo instrumento original na CC.
- A *equivalência semântica* refere-se à tradução do instrumento original e objetivo alcançar efeitos similares nos inquiridos de culturas distintas (Herdman et al., 1998). Faz assim referência à reflexão, à transferência de sentido dos conceitos contidos no instrumento original para a versão de chegada. A equivalência semântica tem em conta a análise das dificuldades gramaticais, do significado das palavras e dos múltiplos significados que estas podem ter, dito de outro modo, baseia-se na avaliação da equivalência gramatical e do vocabulário. É de salientar a importância da retroversão como parte integrante da metodologia utilizada visando garantir que o significado é mantido nas versões dos textos traduzidos. Convém referir a importância de verificar se as questões são compreendidas pelo público alvo para assim se garantir a fiabilidade das respostas. Muitas palavras de uma determinada língua podem não ter tradução adequada para outra língua, ou mesmo determinado tempo verbal pode ser utilizado num idioma e não no outro, pelo que é necessário estar atento a estas situações.
- A *equivalência operacional* diz respeito à possibilidade e à propriedade de utilizar a versão com o mesmo formato, instruções, modo de aplicação e formas de medida do original. Objetiva manter características operacionais do universo original.
- A *equivalência de medição* baseia-se na investigação das propriedades psicométricas da versão, através da confiabilidade e da validade. Ou seja, refere-se aos procedimentos usados para a medição, o que o instrumento pretende medir assim como as relações existentes entre estes conceitos.

Finalmente, dado que os outros aspectos da equivalência intercultural tenham sido alcançados, assume-se que a versão apresenta *equivalência funcional* com o original o que consiste em avaliar as medidas de confiabilidade e validade da versão do instrumento.

Em resumo, pode-se dizer que “equivalência” é sempre uma noção relativa. Porém, este é o objetivo maior que todo o tradutor se deve esforçar por realizar. É seguro afirmar, então que, a noção de equivalência é um aspeto importante no estudo da teoria da tradução e em trabalhos práticos. Para uma boa tradução, a equivalência intercultural é imprescindível para que os termos utilizados sejam coerentes com a experiência de vida da população à qual se destina, dentro do seu contexto cultural. No caso de um termo ou situação se encontrarem fora do contexto ou da vivência da população em questão, devem ser alterados ou a realidade que se visa estudar deve ser compensada através de outra formulação na escala.

Alguns itens utilizados na avaliação da qualidade de vida podem apresentar equivalência semântica, porém não apresentar equivalência conceitual. Neste caso, os termos com divergência na equivalência

conceitual devem ser substituídos pelos termos mais adequados, existentes na língua para a qual a tradução está a ser feita (Herdman, 1998). Após o processo de tradução e adaptação intercultural, o instrumento deve ter as suas propriedades de medida, ou seja, reprodutibilidade, validade e sensibilidade às alterações testadas. A busca pelo máximo de equivalência entre o instrumento original e sua versão traduzida deve guiar todo o processo, de maneira a evitar formas de distorção, muitas vezes subtis. Este processo tem como principal finalidade manter a validade de

conteúdo do instrumento original, de modo que seja possível supor que a versão local pode obter medidas semelhantes às do instrumento original.

Finalmente, há que mencionar que, tendo em conta que a tradução em causa se verifica com línguas da família indo-europeia que, na sua maioria apresenta uma cultura relativamente próxima, a nível cultural não houve problemas de maior.

3. Adaptação cultural: objetivo

O objetivo da adaptação/equivalência cultural é avaliar a clareza, compreensão, relevâncias culturais e o uso apropriado das palavras nas escalas traduzidas. Para tal, é necessário identificar as questões que apresentam dificuldade de compreensão, determinar a causa do problema e observar as soluções propostas para melhorar a sua compreensão e clareza.

3.1. Vantagens da adaptação de um instrumento

As vantagens de se adaptar um instrumento elaborado em outra língua, ao invés de se criar um novo para a língua e a cultura onde ele será utilizado, segundo Guillemín et al (1993) são:

- ✓ Utiliza a versão de um instrumento já usado noutra cultura para uma nova cultura já testada e validada cientificamente o que evita o grande investimento de tempo e dinheiro relacionado com o desenvolvimento integral de um instrumento de medição, o que é complexo, consome bastantes recursos e requer a mobilização de capacidades e de conhecimentos de índoles diversas;
- ✓ Possibilita uma maneira padronizada de avaliar fenómenos similares em culturas diferentes;
- ✓ Fornece dados que poderão ser comparados com estudos feitos em outros países, facilitando o intercâmbio de informações entre a comunidade científica;

- ✓ Reduz o tempo e os custos de desenvolver novos instrumentos o que é um processo complexo consome bastantes recursos e requer a mobilização de capacidades e de conhecimentos de índoles diversas.

3.2. Desvantagens da adaptação de um instrumento

Os seguintes aspectos constituem as desvantagens de adaptar um instrumento de avaliação elaborado noutra língua e cultura, para Portugal:

- ✓ Processo complexo (pesado);
- ✓ Cria uma falsa segurança na utilização da linguagem de uma escala usada noutra cultura;
- ✓ As instruções para aplicação e instruções de interpretação devem incluir todos os possíveis intervenientes, o que pode dificultar o apuramento de um regulamento que sirva para todos.

Apresenta-se abaixo um quadro comparativo dos resultados obtidos do processo descrito acima, onde são apresentados os itens do questionário POSHA-S original, em inglês, os resultados provenientes das traduções e da unificação do questionário, e ainda os resultados provenientes das retroversões e da versão unificada do questionário.

4. Equivalência semântica da adaptação cultural da escala POSHA-S

Instructions/Instruções						
Formulário original (inglês)	Versão 1		Versão 2		T 1-2	BT1-2
	Tradução	Retroversão	Tradução	Retroversão		
1. Instructions	Instruções	Instructions	Instruções	Directions	Instruções	Instructions
2. designed	Desenvolvido	Developed	Desenvolvido	Designed	Desenvolvido	
3. "we ask you to give"	Exprima	Express	Exprima	Express	Exprima	Express
4. "some of these judgments..."	Algumas opiniões	"Some opinions"	Algumas opiniões	"some opinions"	Algumas opiniões	Some opinions
5. "mark your first impression"	Anote	Take note	Anote	Write down	Anote	Take note
6. "Change any of your responses"	Emende	Correct	Altere	Change	Emende	Change
7. Somewhat (em várias tabelas)	Um pouco	Moderately	Moderadamente	Moderately	Moderadamente	Moderately
8. Thanks you very much for your help	Colaboração	Cooperation	Colaboração	Collaboration	Colaboração	Cooperation
9. Race	raça	Race	raça	Race		Race
Questionnaire						
1. "Today's date is"	A data de hoje		O dia de hoje	Today's date is	O dia de hoje	
2. "I am..."	Sexo	Gender	Sexo	Gender	Sexo	
3. "unemployed or not working"	Sem trabalho	Without a job		Without a job	Sem trabalho	
4. 'My family's friends and relatives'	Família e amigos		Família e amigos		Família e amigos	
4. 'My family's friends and relatives'	Família e amigos		Família e amigos		Família e amigos	

Fig 7: Tabela de Equivalência semântica da adaptação cultural da escala POSHA-S

5. Comparação da tradução e retroversão com a versão original

Source version	BT1	BT2	T12	Sugestão
Instructions				
designed	Developed	Designed	Desenvolvido	Projetado/concebido/planeado ???
"we ask you to give"	Express	express	Exprima	"Dê a sua opinião..."
"will help us..."	Allow	Allow	Permita	"que nos irá ajudar a melhor interpretar..."
"some of these judgments..."	"some opinions..."	"some opinions..."	Algumas opiniões	=
"mark your first impression"	Take note	Write down	Anote a sua primeira impressão	=
"Change any of your responses"	Correct any answer	Change	Emende	Mude/altere (o sentido de emende é de algo que está errado para certo e neste questionário não há respostas certas/erradas)
Somewhat (em várias tabelas)	Moderately	Moderately	Moderadamente	Um pouco ?
Thanks you very much for your help	C ooperation	Collaboration	Colaboração	=
Questionnaire				
"Today's date is"	Today is	Today's date is	O dia de hoje é	A data de hoje é
"I am..."	Gender	Gender	Sexo	= (não se diz "eu sou" masculino ou feminino...)
"unemployed or not working"	Temporarily without a Job	Temporarily without a Job	Sem trabalho temporariamente	Não trabalhador? (pessoas que não trabalham, mas que não estão desempregadas...)
"My family's friends and relatives"	Family and friends	Family and friends	Família e amigos	Amigos da minha família e parentes
Following are people I have know who...	I know people that...	I know people that...	Conheço pessoas que...	Seguidamente encontram-se pessoas que conheço que...??? Ou =
"Should have jobs where they have to correctly understand..."	Should have jobs that involve the correct understanding...	Should have jobs that involve understanding...	Deviam ter empregos que envolvessem a compreensão e decisão...	Deviam ter empregos nos quais tivessem de compreender correctamente e decidir coisas importantes.
"you have finished..."	The questionnaire is over	Sem resposta	Terminou o questionário	Terminou!
"Work quickly	Quickly answer	Answer quickly	Responda rapidamente	"Work quickly
"Province"	District	District	Distrito	"Province"
Início das frases na questão "for me, the importance (or priority)....."	Not "-ing"	Not "-ing"	Sem gerúndio	Início das frases na questão "for me, the importance (or priority)....."
Not sure	I am not sure	I am not sure	Não tenho a certeza	Not sure
The amount I know	What I know	What I know	O que sei	—
"Work quickly	Quickly answer	Answer quickly	Responda rapidamente	—
"Province"	District	District	Distrito	"Province"
Início das frases na questão "for me, the importance (or priority)....."	Not "-ing"	Not "-ing"	Sem gerúndio	Início das frases na questão "for me, the importance (or priority)....."
Not sure	I am not sure	I am not sure	Não tenho a certeza	—
The amount I know	What I know	What I know	O que sei	???

Fig 8: Tabela comparativa da tradução e adaptação cultural da escala POSHA-S

6. Análise comparativa

Como pode ser observado nas Tabelas 6 e 7, a grande parte dos itens foi pouco alterada ou inalterada nas traduções e retroversões realizadas e nenhum item foi excluído, o que revela que com base na linguagem comumente usada e na sua prática facilmente se geraram consensos e os termos retrovertidos revelaram equivalência com a escala original.

Este processo tem como principal finalidade manter a validade de conteúdo do instrumento original, tendo em conta que o processo de adaptação cultural visa manter a validade de conteúdo do instrumento original, de modo a ser possível supor que a versão local pode obter medidas semelhantes às do instrumento original.

É clara a equivalência semântica tanto no que se refere ao significado geral quanto ao referencial, visando tornar a versão em portuguesa mais adequada à população estudada. No entanto, houve casos mais problemáticos:

Relativamente às instruções:

- *Work*

O dicionário Merriam-Webster.com define “*work*” como “*a specific task, duty, function, or assignment often being a part or phase of some larger activity*”, colocando ênfase na tarefa, ora a tarefa em causa é a resposta ao questionário, daí ter-se optado por “responda”.

- *Province*

“Province” é definida dicionário Merriam-Webster.com como “*an administrative district or division of a country ((in England) all parts of the country outside of London)*.” Ora, Portugal divide-se também em regiões administrativas que são os distritos.

- “*Thank you*”

A palavra “obrigada” é a forma do particípio passado do verbo obrigar e é sobejamente utilizada no dia a dia, para agradecer algo a alguém. Por outro lado, “Agradecemos” é a 1ª pessoa do plural do Pretérito Perfeito do indicativo do verbo agradecer, que também se utiliza para o mesmo efeito, conjugado em concordância com o sujeito. Ao ser escolhida a primeira opção, entra-se num discurso mais informal, tornando-o também mais intimista, o que aproxima mais os interlocutores, permitindo assim que o inquirido se sinta mais à vontade para responder ao questionário.

- “*Send us back*” = “*Enviar de volta*”

A expressão escolhida não é muito usada no português europeu, sendo normalmente preferido o termo “devolver” cujo significado é precisamente o “enviar de volta”. Por outro lado, ao escolher esta opção usar-se-ia apenas uma palavra e não três o que contribuiria também para reduzir o tamanho do texto.

- “*Change*” = “*emende*”

O dicionário Merriam-Webster.com define “*Change*” como “*to become different*” or “*to become something else*”. Em português, o equivalente segundo o dicionário Priberam é emende que significa mudar (=modificar), o que vai de encontro ao sentido original, uma vez que não há respostas certas/erradas.

Relativamente ao questionário:

- “*I am/was a parent*” = “Sou/fui pai”

De acordo com o Plano Nacional para a Igualdade, Género, Cidadania e Não Discriminação deve utilizar-se uma “linguagem inclusiva”. Deste modo, é de ressaltar a ausência da palavra mãe.

- Conselho

Por lapso passou a grafia errada uma vez que: Concelho (do latim conciliu-, “assembleia”) é uma circunscrição administrativa; subdivisão de distrito; município e, conselho significa opinião que se emite sobre o que convém fazer.

- “*Having no job*” or unemployed.

Nem todas as pessoas que não trabalham estão desempregadas ou à procura de emprego, pelo que não seria correto traduzir por desempregado(a), tendo-se então optado por sem trabalho temporariamente.

- Somewhat = Moderadamente

Com base no dicionário Merriam-Webster.com, este advérbio de intensidade que significa “um pouco”; “um tanto” foi substituído por “moderadamente” (not completely or extremely) que revela com maior precisão e clareza o significado do termo original em inglês.

- “*Race*” = raça

Trata-se de um significante relativo, uma vez que os significados do termo não são fixos e estão sujeitos a uma redefinição de acordo com diferentes culturas. Os EUA, por exemplo, têm uma composição multiétnica. Com exceção da população nativa, quase todos os americanos ou os seus antepassados imigraram para o país nos últimos cinco séculos, pelo que os americanos não equacionam a sua nacionalidade com a etnia, mas com a cidadania. (Slotkin, 1991). No caso português, apesar de existirem amplos contrastes em termos regionais em Portugal que, aliás, se tornam áreas homogêneas que comportam muita diversidade interna, nunca em Portugal houve qualquer consagração institucional dessa divisão. As identidades regionais tiveram sempre em Portugal uma expressão débil (Medeiros, 1991). Poderia assim, concluir-se que o uso do termo não seria posto em causa já que, embora a sociologia moderna aceite amplamente a ideia de que o conceito de raça é constituído socialmente e é portador de ambiguidades, raramente essa ideia é incorporada na análise sociológica (Esteves, 1991). No entanto, o termo raça constitui um núcleo semântico, em torno do qual se organizam sistemas identitários (individuais, grupais, nacionais) e sistemas ideológicos de organização social, razão pela qual, convém referir, que foi colocada a questão ao autor da escala original. Este, quando contactado, reafirmou o interesse em manter o termo possivelmente por considerar uma variável sociologicamente pertinente, na medida em que os traços físicos ou biológicos observáveis (a cor da pele, ou a textura do cabelo) sejam elementos sociais que eventualmente possam modelar as atitudes e os comportamentos dos intérpretes sociais quando em interação, já que a raça é um “bom indicador de parentesco” uma forma possível de orientação para a ação (Rex 1988, p. 3) . Precisamente por este motivo, convém mencionar que o uso do termo gerou alguma problemática. Situação compreensível, desde logo, porque em Portugal (e não só), os respondentes podem ter ascendência em mais do que uma raça e, nestes casos, coloca-se a questão da definição de raça, mediante as variantes que existem em termos de misturas étnicas, o que pode ativar filtros relativamente aos inquiridos. Neste contexto, refira-se a título de exemplo, a anemia falciforme, ainda desconhecida para a maioria da população, como uma doença hereditária que atinge principalmente a população de raça negra. Ora, como a gaguez não se inscreve neste género de fenómeno, fará sentido inquirir sobre esta característica?

VII. NOTAS CONCLUSIVAS

Portugal ainda não dispõe de muitos instrumentos padronizados para avaliar aspectos psicossociais. Por este motivo, a tradução e padronização de instrumentos estrangeiros têm-se tornando uma nova área de atuação para os profissionais que trabalham no campo da Psicologia da Saúde bem como de outros profissionais de saúde e tradutores.

A tradução de um instrumento de avaliação é muito mais complexa do que a simples tradução dos itens da escala, pois nem sempre os termos utilizados são comuns a todas as línguas, além de existirem variações culturais que podem alterar o significado do que se pretende medir. Para que as traduções alcancem um alto nível de qualidade, devem ser feitas por pelo menos dois tradutores independentes, reduzindo assim a probabilidade de erros e de interpretações divergentes de itens ambíguos do original. Após a obtenção de um consenso por parte dos tradutores, a versão final é traduzida novamente para o idioma original. Esta tradução da retroversão (*back-translation*) tem-se mostrado um recurso capaz de ajudar a aumentar a qualidade da versão final e apresenta melhor qualidade se os tradutores forem fluentes nos idiomas em causa. Estes fazem parte da equipa multidisciplinar que inclui também especialistas no fenómeno em estudo. Por outro lado, o processo que envolve a adaptação transcultural de um instrumento de medida, pressupõe uma metodologia que engloba etapas que vão da simples tradução do instrumento, considerando aspetos culturais e de linguagem da população-alvo.

O processo de tradução seguiu critérios bem estabelecidos, o que facilitou a tradução e a adequação do instrumento à língua portuguesa. Do mesmo modo, a sua equivalência conceitual foi obtida por meio do consenso entre a equipa multidisciplinar com o auxílio dos especialistas. Verificou-se que os domínios e itens empregados no instrumento original são igualmente relevantes e importantes na CC e que estimavam os mesmos parâmetros em ambas as culturas. A equivalência semântica incidiu em verificar se os itens, palavras ou frases empregadas possuíam o mesmo significado e produziam efeitos similares em ambas as culturas. As verificações foram feitas nos momentos da tradução e retroversão pela equipa multidisciplinar.

Na etapa de avaliação de equivalência da retroversão com a versão original observou-se que foram feitas alterações em estruturas gramaticais de alguns itens, quando a versão em português foi traduzida para o inglês. Essas modificações basearam-se na necessidade de se obter equivalência semântica (equivalência entre as palavras) e equivalência conceitual dos itens (validade do conceito explorado). Além disso, alguns advérbios foram substituídos em condições em que o questionário avaliava a intensidade de um evento, ou comportamento. Neste caso, o advérbio de intensidade “somewhat” (“um tanto”) foi substituído por “moderadamente” (not completely or extremely). Por sua vez, a equivalência conceitual foi obtida em todos os itens, já que os conceitos da versão original não se diferenciam dos da CC.

O processo de tradução seguiu critérios bem estabelecidos, apresentados na metodologia de Guilleman, o que facilitou a tradução e a adequação do instrumento à língua portuguesa. Do mesmo modo, a sua equivalência conceitual foi obtida por meio do consenso entre a equipa multidisciplinar com o auxílio dos especialistas. De acordo com os dados obtidos, foi possível verificar que:

- Os domínios e itens empregados no instrumento original são igualmente relevantes e importantes na CC e estimam os mesmos parâmetros em ambas as culturas.

- A equivalência semântica que incidiu na verificação de se as palavras ou frases empregadas possuíam o mesmo significado e produziam efeitos similares em ambas as culturas foi confirmada. As verificações foram feitas nos momentos da tradução e retroversão pela equipa multidisciplinar. Esta sugeriu algumas modificações semânticas com base no facto de alguns itens originais, substituídos por outros similares, não se enquadrarem no contexto das atividades habitualmente realizadas pela população portuguesa. As modificações sugeridas pelos tradutores e especialistas, na etapa de tradução para o português, estão apresentadas nas tabelas 7 e 8.

- Na etapa de avaliação de equivalência da retroversão com a versão original observou-se que foram feitas alterações em estruturas gramaticais, quando a versão em português foi traduzida para o inglês. Essas modificações basearam-se na necessidade de se obter equivalência semântica (equivalência entre as palavras), equivalência idiomática (expressões equivalentes não encontradas ou itens substituídos), equivalência experimental (palavras, situações ou atividades adequadas ao contexto cultural de chegada). Apesar de ter sofrido poucas adaptações ao contexto do nosso país, por se tratar de culturas relativamente próximas, a escala na versão portuguesa manteve a mesma estrutura que a original, com o intuito de a tornar ainda mais acessível.

- A metodologia empregada neste estudo seguiu as orientações metodológicas propostas por Guillemin onde são caracterizadas as etapas de adaptação intercultural de avaliação da qualidade de vida. A versão traduzida e adaptada foi avaliada quanto às propriedades de medida, mostrando-se estável e confiável pelos especialistas. Os resultados obtidos servem para confirmar que o POSHA-S é um instrumento válido para medir as atitudes públicas perante a gaguez no contexto de uma variedade de atributos humanos. Foi constatado que a tradução e adaptação cultural da escala para a língua portuguesa apresenta validade para ser utilizada no contexto português.

É ainda possível concluir que: a) a utilização de um instrumento já usado noutra cultura, já testado e validado cientificamente, evita o investimento de tempo e dinheiro relacionado com o desenvolvimento integral de um instrumento de medição, o que é complexo, consome bastantes recursos e requer a mobilização de capacidades e de conhecimentos de índoles diversas; b) possibilita uma maneira padronizada de avaliar fenómenos similares em culturas diferentes; c) fornece dados que poderão ser comparados com estudos feitos em outros países, facilitando o intercâmbio de informações entre a comunidade científica; d) reduz o tempo e os custos de desenvolver novos instrumentos. Desta forma, o objectivo deste estudo – aferir até ponto as metodologias utilizadas se concretizam nas traduções das escalas foi alcançado.

Bibliografia

Livros e artigos

- ALBRECHTS, L.; Mandelbaum, S.(2005). *Network Society: A new context for planning*. Abington: Routledge.
- ALEXANDRE, V.(1971). *Les échelles d'attitude*. Paris: Éditions Universitaires.
- ALMEIDA, L.; Freire, T. (1997) *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. Braga: APPORT.
- ALMEIDA, N. (1999) *Gramática metódica da língua Portuguesa*. Saraiva
- ANASTASI, A. (1990) *Psychological testing*. New York: MacMillan
- ANDERSON, LW. (1990) *Attitudes and their Measurement*. In: H. J. Walberg & G. D. Haertel (Eds.), *The International Encyclopedia of Educational Evaluation* (pp 368-374). Oxford: Pergamon
- BADIA, X.; ALONSO, J.(1995) *Rescaling the Spanish version of the sickness impact profile: An opportunity for the assessment of cross-cultural equivalence*. *Journal of Clinical Epidemiology*
- BAKER, Mona (1992) *In Other Words: a Coursebook on Translation*, London: Routledge.
- BASSETT, S. (1991, 2002) *Translation Studies*. London: Routledge.
- BASSNETT, S. (2003) *Estudos de tradução. Fundamentos de uma disciplina*. 4. ed. Trad. Vivina de Campos Figueiredo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
-
- BEATON, D et al (2000) *Recommendations for the Cross-Cultural Adaptation of Health Status Measures*. *American Academy of Orthopedic Surgeons and Institute for Work & Health*
- BRAVO, M.; et al (1991), *A cross-cultural adaptation of a psychiatric epidemiologic instrument: The diagnostic interview schedule's adaptation in Puerto Rico*.
- CASTELS, M. (2001). *Internet Galaxy: Reflections on the internet, Business and Society*. Oxford Press
- CATFORD, J.C. (1965) *A linguistic theory of translation*. London: Oxford University Press.
- CICONELLI RM. (1997) *Tradução para o português e validação do questionário genérico de avaliação de qualidade de vida "Medical Outcomes Study 36 – item Short form healthy survey"*
- DENZIN, N.; Lincoln, Y. (1994) *Handbook of Qualitative Research*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- ECO, Umberto. (2007) *Experiences in Translation*. Toronto: University of Toronto Press Inc.
- ECO, Umberto. (1975, 1997). *A Theory of Semiotics*. Cambridge: University Press
- ESTEVES, MC. (1991) *Portugal, País de Imigração* Lisboa: Instituto de Estudos para Desenvolvimento.
- FERREIRA & MARQUES (1998) *Avaliação Psicométrica e Adaptação Cultural e Linguística de Instrumentos de Medição em Saúde: Princípios Metodológicos Gerais*. Faculdade de Economia. Coimbra: Centro de Estudos e Investigação em Saúde.
- FERREIRA, ML et al (2006) *Specific stabilization exercise for spinal and pelvic pain: a systematic review*. *Australian Journal of Physiotherapy*
- FERREIRA PL.; Rosete ML.(1986) *Cross-cultural validation of health patients with rheumatoid arthritis: result of a multicenter trial*. *American Journal of Medicine*
- FLYNN, TW.; ST. LOUIS, K.O. (2009) *Measuring and changing negative stuttering stereotypes in adolescents*. presented at the Annual Convention of the American Speech-Language-Hearing Association, New Orleans, LA.

- GARLAND, R. (1991) The Mid-Point on a Rating Scale: Is it Desirable? *Marketing Bulletin*, n.2,
- GHIGLIONE, R.; MATALON, B. (1993) *O inquérito*. Oeiras: Celta.
- GUILLEMIN, et al (1993) Cross-cultural adaptation of health-related quality of life measures: Literature review and proposed guidelines.
- GUION, RM. (1977) *Content Validity: applied Psychological Measurement*, *American Psychologist*, 640-647
- HAMBLETON et PATSULA L. (1998). Adapting Tests for use in multiple languages and cultures. *Social indicators research*
- HAWKES (1997) *Struturalism and Semiotics* London: Routledge
- HERDMAN M. et al (1997, 1998) A model of equivalence in the cultural adaptation of HRQOL instruments: the Universalist approach. 323-326
- HURTADO ALVIR, Amparo. (2001) Traducción y Traductología. Introducción a la Traductología. Madrid: Cátedra,
- HUTCHINSON A. et al (1997) Cross cultural health outcome assessment: a user's guide. Ruiner, NL: ERGHO.
- JAKOBSON, R. (1990) *On language*. Cambridge, MA: Harvard.
- JOHNSON, B. (2002) *Measurement and Research Methodology Forum*. South Alabama.
- LIMA, L. (2008) *Atitudes e mudança Psicologia Social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- LUCE, RD., SUPPES, P. (2001) *Stevens' Handbook of Experimental Psychology* New-York: Wiley.
- MANDELBAUM, D. (1985) *Selected writings of Edward Sapir in language, culture and personality*. Berkeley: University of California Press,
- MATTOS P. et al. (2006) . Apresentação de uma versão em português para uso no Brasil do MTA-SNAP-IV déficit de atenção/hiperatividade
- MEDEIROS, CA (1991) *Quelques réflexions à propos des identités régionales au Portugal*, in Centre d'Études Nord du Portugal-Aquitaine (CENPA) (eds.), *L'Identité régionale*, pp. 35-43, Paris, Éditions du CNRS.
- MUNDAY, J. (2001) *Introducing Translation Studies: Theories and Applications*. London & New York: Routledge.
- NIDA, E. (1964,) *Toward a Science of Translating* Leiden E.J. Brill.
- NIDA, E.; Taber CR. (1969) *The Theory and Practice of Translation* Leiden: E.J. Brill.
- NEWMARK, P. (1988) *A Textbook of Translation*, New York: Prentice Hall International
- NORD, C. (2005) *Translating as a Purposeful Activity*, Manchester: St. Jerome Publishing,
- PATRICK, DL. et al (1985) *A cross-cultural comparison of health status values* *American Journal of Public Health*
- PUNCH, K. (1998) *Introduction to Social Research: quantitative & qualitative approaches*. London: Sage Publications.
- REX, J. (1988) *Raça e Etnia*. Lisboa: Editorial Estampa,.
- RODRIGUES, AD. (1994) *Comunicação e Cultura. A experiência Cultural na era da informação* Lisboa: Editorial Presença.

- SALAFFI F, et al.(2005) Prevalence of musculoskeletal conditions in an Italian population sample: Results of a regional community-based study.
- ST. LOUIS, K.O. et al (2009). Construct and concurrent validity of a prototype questionnaire to survey public attitudes toward stuttering. *Journal of Fluency Disorders*,
- STEINER G.(2005) *After Babel: Aspects of Language and Translation*. Oxford: University Press
- STEVENS, S. (1968) *Le quantitatif et la perception*. Bulletin de Psychologie, lisboa:ISPA
- TEMMERMAN, R.(2000); Towards New Ways of Terminology Description, The sociocognitive approach; Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company
- VENUTI,L. (1992) *Rethinking translation: discourse, subjectivity, ideology*. London: Routledge,
- VERMEER,H.(1986) *Skopos and commission in translational action*. A.Chesterman (trans.). In Venuti, Lawrence Ed.The Translation Studies Reader. London: Routledge
- VINAY, JP e DARBELNET, J.(2000). *A Methodology for Translation* translated by J. C. Sager and M. J. Hamel, Ed. Lawrence London/New York: Routledge.
- WITHESSPOON, G.(1980) Language in culture and culture in language, *International Journal of American Linguistics*,
- WONG MC.; LIU JK, LO EC. (2002)*Translation and validation of the Chinese version of GOHAI*.

Dicionários e Enciclopédias

- CUNHA, C.; CINTRA, L. (2005) *Nova Gramática do Português* Lisboa: Ed.João Sá da Costa
- Dicionário e enciclopédia da língua portuguesa
<http://www.infopedia.pt/>
- Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa
[www//novo-dicionario-houaiss-da-lingua-portuguesa](http://www.novo-dicionario-houaiss-da-lingua-portuguesa)
- Dicionário Merriam-Webster
<http://www.merriam-webster.com/>
- DUBOIS, Jean et al.(1993). Dicionário de linguística.S. Paulo:Universidade Católica

Webgrafia

- Al-Khaledi et al., [consultado a 2013-04-20]
http://ecsf.eu/userfiles/files/Valente,%20Jesus,%20Leahy%20and%20St%20Louis%20-%20Attitudes%20and%20knowledge%20of%20the%20Portuguese%20population%20about%20stuttering_v5.pdf
- A Brief Introduction of Skopos Theory [consultado a 2014-02-05]
<http://ojs.academypublisher.com/index.php/tpls/article/viewFile/tpls021021892193/5556>
- Article Summaries and Reviews in Cultural Studies [consultado a 2013-02-12]
<http://culturalstudiesnow.blogspot.pt/2011/10/roman-jakobson-on-linguistic-aspects-of.html>
- Bullinger, 1993 [consultado a 2013-04-20]
<http://www.ufrgs.br/psiquiatria/psiq/whoqol1.html>
- Eremenco, [consultado a 2013-04-20]
<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/15804318>
- Escalas nominal, ordinal e intervalar
<http://www.psy.gla.ac.uk/~steve/best/ordinal.php>
- Pan American Health Organization [consultado a 2013-10-25]
<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3221487/>
- Perneger, (1999) [consultado a 2013-05-05]
<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/10396794>
- Reichenheim & Moraes, [consultado a 2013-05-05]
<http://www.scielo.org/cgi-bin/wxis.exe/applications/scielo-org/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=article%5Edart.org&nextAction=lnk&lang=p&indexSearch=&exprSearch=MAUS-TRATOS%20CONJUGAIS>
- Sperber [consultado a 2013-03-15]
<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/14978648>
- Testa, MA & Simonson, DC. [consultado a 2013-03-14]
<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/8596551>
- Venuti translation studies [consultado a 2013-03-15]
xa.yimg.com/kq/groups/.../name/venuti-translation+studies,+reader.pdf

POSHA-S

Instructions

Dear participant,

Thank you for agreeing in participating in this research project developed to explore the public opinions regarding a set of attributes and human characteristics in several locations in the World. In the attached questionnaire, we ask you to express your honest opinion regarding the five distinct human attributes and some information about yourself that allows us a better interpretation of the results obtained from the several participants. We also ask you to give us a more detailed opinion about one of the mentioned attributes.

Please, do not write your name, address or phone contact in any part of the questionnaire or of the envelop used to send us back this questionnaire- It is important that we do not know your name. We want to keep full confidentiality.

The questionnaires filled in full will help us to have a better idea about the public opinion. However, as you fill in the questionnaire, feel free to omit any item or stop answering for any reason, without prejudice or penalty.

The questionnaire requests the writing of some short answers and the marking of boxes ☐ that apply to you. However, most of them comprise giving opinions by designing a circle around your answer. Some opinions are expressed in a numerical scale, while others are to choose “Yes”, “No” or “Not sure”. There are no right or wrong answers! We ask you to quickly answer and take note of the first impression. Please do not go back or correct any answer unless you realise afterwards that you did not understand an item or that you answered in the wrong line.

When you circle an answer, make sure that you **draw a small circle** around the number, “?”, or the word that **better suits your opinion**. In numeric scales you can circle any number, but feel free to indicate the positive and negative extremes of the scale, as well as the exact middle, if any of these expresses your opinion. When you mark a box, please mark it with a small ✓ in the box ☐.

Following are four examples. The first item shows a moderately positive opinion regarding being *tall*, the second, a very negative opinion regarding being *short*, a neutral opinion regarding the *use of glasses*, and no opinion or lack of knowledge regarding *using a hearing aid*.

My general impression of a person who...	Very negative	Somewhat negative	Neutral	Somewhat positive	Very positive	Not sure
is tall	1	2	3	④	5	?
is short	①	2	3	4	5	?
wears glasses	1	2	③	4	5	?
wears a hearing aid	1	2	3	4	5	②

Thank you very much for your help.

|

Public Opinion Survey of Human Attributes-Stuttering (POSHA-S)

In this section please tell us about yourself.

Dates:	Month	Day	Year
Today is:	e.g., January	e.g., 23	e.g., 2008
My birthday is:			

Residency and Place of Birth	Country	State (or District)	Municipality (or City, Village, Region)
Currently I live in:			
I was born in:			

☐ Select with ☒ all that apply

Gender: <input type="radio"/> Male <input type="radio"/> Female	I am/was married: <input type="radio"/> Yes <input type="radio"/> No	I am/was a parent: <input type="radio"/> Yes <input type="radio"/> No
---	--	---

I finished the following educational levels:

<input type="radio"/> First cycle of the primary education (4 years in total)	<input type="radio"/> I have learnt a craft/military education/vocational education/technical/other type of education (e.g., CET)
<input type="radio"/> Second cycle of the primary education (6 years in total)	<input type="radio"/> 3-5 years of university education (15-17 in years total)
<input type="radio"/> Third cycle of the primary education (9 years in total)	<input type="radio"/> Masters or similar academic degree (17-19 in years total)
<input type="radio"/> Secondary school (12 years in total)	<input type="radio"/> Doctorate or similar academic degree (> 18 in years total)

My current employment situation is...

<input type="radio"/> Student in school or university	<input type="radio"/> Unemployed or temporarily without a job
<input type="radio"/> Worker	<input type="radio"/> Retired

The job to which I feel more prepared or the job that I have performed the longest is (was):

My mother tongue is:

Also I easily understand and speak the following languages:

1. _____	2. _____	3. _____
----------	----------	----------

Circle the number (or ?) beside each characteristic or select with ☒ the boxes that apply

My family's income is [...] compared to the annual income of...	Among the lowest	Average	Among the highest			
family and friend	1	2	3	4	5	?
all the population of my country	1	2	3	4	5	?

My race is: _____	My religion is: _____
-------------------	-----------------------

I would judge the following aspects of my current life as...	Very poor	Poor	Average	Good	Excellent	I am not sure
my physical health	1	2	3	4	5	?
my mental health	1	2	3	4	5	?
my ability to learn new things	1	2	3	4	5	?
my ability to talk	1	2	3	4	5	?



For myself, the importance (or priority) of each of the following aspects of my life is...	Never is important	Usually it is not important	It is as important or it is not important	Usually it is important	It is always important	I am not sure
to be safe and protected	1	2	3	4	5	?
to find the good in the world	1	2	3	4	5	?
to spend time with my friends	1	2	3	4	5	?
to keep my options open	1	2	3	4	5	?
to imagine new things	1	2	3	4	5	?
to think clearly and logically	1	2	3	4	5	?
to trust my own life experience	1	2	3	4	5	?
to be free to have fun	1	2	3	4	5	?
to be a good listener	1	2	3	4	5	?
to do my job or my obligations	1	2	3	4	5	?
to acknowledge my feelings	1	2	3	4	5	?
to finish what I start	1	2	3	4	5	?
to find out how to solve important problems	1	2	3	4	5	?

Now, please give us your opinion regarding people with the indicated characteristics

My overall impression regarding a person that...	Very negative	Moderately negative	Neutral	Moderately positive	Very positive	I am not sure
is obese (is overweight)	-2	-1	0	+1	+2	?
is left-handed	-2	-1	0	+1	+2	?
has stammering	-2	-1	0	+1	+2	?
is mentally ill	-2	-1	0	+1	+2	?
is intelligent	-2	-1	0	+1	+2	?

I would like to be a person that...	I strongly disagree	I moderately disagree	Neutral	I moderately agree	I strongly agree	I am not sure
is obese (is overweight)	-2	-1	0	+1	+2	?

is left-handed	-2	-1	0	+1	+2	?
has stammering	-2	-1	0	+1	+2	?
is mentally ill	-2	-1	0	+1	+2	?
is intelligent	-2	-1	0	+1	+2	?

What I know regarding people that...	Nothing	A little	Something	A lot	Immense	I am not sure
are obese (are overweight)	1	2	3	4	5	?
are left-handed	1	2	3	4	5	?
have stammering	1	2	3	4	5	?
are mentally ill	1	2	3	4	5	?
are intelligent	1	2	3	4	5	?

I know people that... (Select with [✓] all that apply)	No one	Acquaintances	Close friend	Familiar	Myself	Other
are obese (are overweight)	0	0	0	0	0	0
are left-handed	0	0	0	0	0	0
have stammering	0	0	0	0	0	0
are mentally ill	0	0	0	0	0	0
are intelligent	0	0	0	0	0	0

Now, please give us more detailed opinions regarding stammering.

People with stammering...	Yes	No	I am not sure
should try to hide their stammering	Yes	No	?
should have jobs that involve the correct understanding and decision making regarding important subjects	Yes	No	?
are nervous and emotional	Yes	No	?
are shy and fearful	Yes	No	?
are guilty of their stammering	Yes	No	?
can make friends	Yes	No	?
can have a normal life	Yes	No	?
can perform any job they want	Yes	No	?

If the following people would stammer, I would be worried or apprehensive...	Yes	No	I am not sure
my doctor	Yes	No	?
my neighbour	Yes	No	?
my brother or sister	Yes	No	?
myself	Yes	No	?

If I am talking to someone with stammering, I...	Yes	No	I am not sure
would try to act as if the person was talking ordinarily	Yes	No	?
would tell a stammering joke	Yes	No	?
would complete the person's words	Yes	No	?
would feel impatient (I would not want to wait while the person stammered)	Yes	No	?
would feel comfortable or relaxed	Yes	No	?
would feel compassion towards the person	Yes	No	?
would tell the person to "slow down" or "relax"	Yes	No	?

I believe that stammering is caused by...			I am not sure
genetic heritage	Yes	No	?
ghosts, demons or spirits	Yes	No	?
a very scary event	Yes	No	?
an act of God	Yes	No	?
learning or habits	Yes	No	?
a virus or a disease	Yes	No	?

I believe that stammering must be supported by...			I am not sure
other people with stammering	Yes	No	?
a speech therapist	Yes	No	?
people like myself	Yes	No	?
a doctor	Yes	No	?

My knowledge regarding stammering comes from...			I am not sure
personal experience (myself, my family, friends)	Yes	No	?
television, radio or films	Yes	No	?
magazines, newspapers or books	Yes	No	?
internet	Yes	No	?
school	Yes	No	?
doctors, nurses or other specialist	Yes	No	?

The questionnaire is over! Thank you very much!

How long did you take to answer the questionnaire? _____ minutes.

Instruções

Caro participante,

Obrigada por concordar em participar neste projeto de investigação desenvolvido para explorar as opiniões públicas acerca de um conjunto de atributos e características humanas em vários locais do Mundo. No questionário anexo, pedimos que exprima a sua opinião sincera acerca de cinco atributos humanos distintos e alguma informação acerca de si próprio que nos permita uma melhor interpretação dos resultados obtidos dos diversos participantes. Pedimos também que forneça uma opinião mais detalhada acerca de um dos atributos referidos.

Por favor não escreva o seu nome, morada ou contacto telefónico em qualquer parte do questionário ou o envelope utilizado para enviar este questionário de volta. É importante que não saibamos o seu nome.

Queremos manter completa confidencialidade.

Os questionários preenchidos na totalidade vão ajudar-nos a obter uma melhor ideia da opinião pública. Contudo, à medida que preenche o questionário, sinta-se à vontade para omitir qualquer item ou parar de responder por alguma razão, sem prejuízo ou penalidade.

O questionário solicita a escrita de algumas respostas curtas e a marcação de caixas [] que se apliquem a si. Porém, a maioria envolve dar opiniões através do desenho de um círculo à volta da sua resposta. Algumas opiniões são expressas sob a forma de uma escala numérica, enquanto outras são escolhas de “Sim”, “Não” ou “Não tenho a certeza”. Não existem respostas certas ou erradas! Pedimos-lhe que responda rapidamente e que anote a sua primeira impressão. Por favor não retroceda e emende qualquer resposta a não ser que se aperceba posteriormente que não compreendeu um item ou que respondeu na linha errada.

Quando circular uma resposta, assegure-se de que **desenha um pequeno círculo** à volta do número, “?”, ou da palavra que **melhor representa a sua opinião**. Nas escalas numéricas pode circular qualquer número, mas sinta-se à vontade para indicar os extremos positivo e negativo da escala, bem como o meio exato, se algum destes expressar a sua opinião. Quando marcar uma caixa, por favor marque um pequeno ✓ na caixa [].

Seguem-se quatro exemplos. O primeiro item demonstra uma opinião moderadamente positiva sobre ser *alto*, o segundo, uma opinião muito negativa sobre ser *baixo*, uma opinião neutra quanto ao *uso de óculos*, e ausência de opinião ou desconhecimento acerca de *usar uma prótese auditiva*.

A minha impressão global sobre uma pessoa que...	Muito negativa	Moderada-mente negativa	Neutra	Moderada-mente positiva	Muito positiva	Não tenho a certeza
é alta	1	2	3	4	5	?
é baixa	1	2	3	4	5	?
usa óculos	1	2	3	4	5	?
Usa uma prótese auditiva	1	2	3	4	5	?

Muito obrigada pela sua colaboração.

Public Opinion Survey of Human Attributes-Stuttering (POSHA-S)

Nesta secção fale-nos sobre si, por favor.

Datas:	Mês	Dia	Ano
O dia de hoje é:	e.g., Janeiro	e.g., 23	e.g., 2008
O minha data de nascimento é:			

Residência e Naturalidade	País	Estado (ou Distrito)	Conselho (ou Cidade, Vila, Região)
Atualmente vivo em:			
Nasci em:			

Selecione com [✓] todas os que se aplicam

Sexo: <input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	Sou/fui casado: <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	Sou/fui pai: <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
--	---	--

Completei os seguintes níveis de educação:

<input type="checkbox"/> Primeiro ciclo do ensino básico (4 anos no total)	<input type="checkbox"/> Aprendi um ofício/ensino militar/ensino profissional/técnico/ outro tipo de ensino (e.g., CET)
<input type="checkbox"/> Segundo ciclo do ensino básico (6 anos no total)	<input type="checkbox"/> 3-5 anos de ensino universitário (15-17 anos no total)
<input type="checkbox"/> Terceiro ciclo do ensino básico (9 anos no total)	<input type="checkbox"/> Mestrado ou grau académico semelhante (17-19 anos no total)
<input type="checkbox"/> Ensino secundário (12 anos no total)	<input type="checkbox"/> Doutoramento ou grau académico semelhante (> 18 anos no total)

A minha situação actual de emprego é...

<input type="checkbox"/> Estudante na escola ou universidade	<input type="checkbox"/> Desempregado ou sem trabalho temporariamente
<input type="checkbox"/> Trabalhador	<input type="checkbox"/> Reformado

O trabalho para o qual me sinto mais preparado ou o trabalho que desempenhei mais tempo é(foi):

--

A minha língua materna é:

--

Também compreendo facilmente e falo as seguintes línguas:

1. _____	2. _____	3. _____
----------	----------	----------

Circule o número (ou ?) ao lado de cada característica ou selecione com [✓] as caixas que se aplicam

O rendimento da minha família é [...] comparado com o rendimento anual de...	Entre os mais baixos	Média	Entre os mais altos			
família e amigo	<u>1</u>	<u>2</u>	<u>3</u>	<u>4</u>	<u>5</u>	?
toda a população do meu país	<u>1</u>	<u>2</u>	<u>3</u>	<u>4</u>	<u>5</u>	?

A minha raça é: _____	A minha religião é: _____
-----------------------	---------------------------

Avaliaria os seguintes aspectos da minha vida actual como...	Muito pobre	Pobre	Média	Bom	Excelente	Não tenho a certeza
a minha saúde física	1	2	3	4	5	?
a minha saúde mental	1	2	3	4	5	?
a minha capacidade de aprender coisas novas	1	2	3	4	5	?
a minha capacidade de falar	1	2	3	4	5	?

Para mim, a importância (ou a prioridade) de cada um destes aspectos da minha vida é...	Nunca é importante	Normalmente não é importante	É igualmente importante ou não é importante	Normalmente é importante	É sempre importante	Não tenho a certeza
estar seguro e protegido	1	2	3	4	5	?
encontrar o bem no mundo	1	2	3	4	5	?
passar tempo com os amigos	1	2	3	4	5	?
manter as minhas opções em aberto	1	2	3	4	5	?
imaginar novas coisas	1	2	3	4	5	?
pensar com clareza e lógica	1	2	3	4	5	?
confiar na minha própria experiência de vida	1	2	3	4	5	?
ser livre para se divertir	1	2	3	4	5	?
ser um bom ouvinte	1	2	3	4	5	?
fazer o meu trabalho ou obrigações	1	2	3	4	5	?
reconhecer os meus sentimentos	1	2	3	4	5	?
terminar o que começo	1	2	3	4	5	?
descobrir como resolver problemas importantes	1	2	3	4	5	?

Agora dê-nos a sua opinião acerca de pessoas com todas as características indicadas, por favor

A minha impressão global acerca de uma pessoa que...	Muito negativa	Moderadamente negativa	Neutro(a)	Moderadamente positiva	Muito positiva	Não tenho a certeza
é obesa (tem peso a mais)	-2	-1	0	+1	+2	?
é esquerdina	-2	-1	0	+1	+2	?
tem gaguez	-2	-1	0	+1	+2	?
é doente mental	-2	-1	0	+1	+2	?
é inteligente	-2	-1	0	+1	+2	?

Eu gostaria de ser uma pessoa que...	Discordo fortemente	Discordo moderadamente	Neutro(a)	Concordo moderadamente	Concordo fortemente	Não tenho a certeza
é obesa (tem peso a mais)	-2	-1	0	+1	+2	?
é esquerdina	-2	-1	0	+1	+2	?
tem gaguez	-2	-1	0	+1	+2	?
é doente mental	-2	-1	0	+1	+2	?
é inteligente	-2	-1	0	+1	+2	?

O que sei acerca de pessoas que...	Nada	Um pouco	Alguma coisa	Muito	Imenso	Não tenho a certeza
são obesas (têm peso a mais)	1	2	3	4	5	?
são esqueléticas	1	2	3	4	5	?
têm gaguez	1	2	3	4	5	?
são doentes mentais	1	2	3	4	5	?
são inteligentes	1	2	3	4	5	?

Conheço pessoas que... (Seleccione com [✓] todos os que se aplicam)	Ninguém	Conhecidos	Amigo próximo	Familiar	Eu	Outro
são obesas (têm peso a mais)	0	0	0	0	0	0
são esqueléticas	0	0	0	0	0	0
têm gaguez	0	0	0	0	0	0
são doentes mentais	0	0	0	0	0	0
são inteligentes	0	0	0	0	0	0

Agora, dê-nos opiniões mais detalhadas acerca da gaguez, por favor.

Pessoas com gaguez...			Não tenho a certeza
deviam tentar esconder a sua gaguez	Sim	Não	?
deviam ter empregos que envolvessem a compreensão e decisão correctas sobre assuntos importantes	Sim	Não	?
são nervosas e emotivas	Sim	Não	?
são tímidas e medrosas	Sim	Não	?
são culpadas da sua gaguez	Sim	Não	?
conseguem fazer amigos	Sim	Não	?
conseguem levar uma vida normal	Sim	Não	?
conseguem desempenhar qualquer trabalho que pretendam	Sim	Não	?

Se as seguintes pessoas gaguejarem, eu ficaria preocupado ou apreensivo...			Não tenho a certeza
o meu médico	Sim	Não	?
o meu vizinho	Sim	Não	?
o meu irmão ou irmã	Sim	Não	?
eu	Sim	Não	?

Se eu estiver a falar com uma pessoa com gaguez, eu...			Não tenho a certeza
tentava agir como se a pessoa estivesse a falar normalmente	Sim	Não	?
faria uma piada acerca da gaguez	Sim	Não	?
completava as palavras da pessoa	Sim	Não	?
sentir-me-ia impaciente (não queria esperar enquanto a pessoa gaguejava)	Sim	Não	?
sentir-me-ia confortável ou relaxado	Sim	Não	?
sentiria compaixão pela pessoa	Sim	Não	?
dizia à pessoa para "abrandar" ou "relaxar"	Sim	Não	?

Eu creio que a gaguez é causada por...			Não tenho a certeza
herança genética	Sim	Não	?
fantasmas, demónios ou espíritos	Sim	Não	?
um acontecimento muito assustador	Sim	Não	?
um ato de Deus	Sim	Não	?
aprendizagem ou hábitos	Sim	Não	?
um vírus ou uma doença	Sim	Não	?

Eu creio que a gaguez deve ser apoiada por...			Não tenho a certeza
outras pessoas com gaguez	Sim	Não	?
um terapeuta da fala	Sim	Não	?
pessoas como eu	Sim	Não	?
um médico	Sim	Não	?

O meu conhecimento acerca da gaguez provém de...			Não tenho a certeza
experiência pessoal (eu, a minha família, amigos)	Sim	Não	?
televisão, rádio ou filmes	Sim	Não	?
revistas, jornais ou livros	Sim	Não	?
internet	Sim	Não	?
escola	Sim	Não	?
médicos, enfermeiros ou outro especialista	Sim	Não	?

Terminou o questionário! Muito obrigada(o)!

Quanto tempo demorou a preencher o questionário? _____ minutos.